



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL  
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA  
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS  
LICENCIATURA EM LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA**

**MARIAMA TURÉ**

**AS INTERFERÊNCIAS LÉXICO-SEMÂNTICAS DO GUINEENSE EM  
ENTREVISTAS RADIOFÔNICAS E TELEVISIVAS NA GUINÉ-BISSAU**

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2023**

**MARIAMA TURÉ**

**AS INTERFERÊNCIAS LÉXICO-SEMÂNTICAS DO GUINEENSE EM  
ENTREVISTAS RADIOFÔNICAS E TELEVISIVAS NA GUINÉ-BISSAU**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras, Campus dos Malês da UNILAB como requisito parcial para a conclusão do curso de Licenciatura em Letras-Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre António Timbane.

**SÃO FRANCISCO DE CONDE**

**2023**

---

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Sistema de Bibliotecas da UNILAB  
Catalogação de Publicação na Fonte.

---

Turé, Mariama.

T934i

As interferências léxico-semânticos do Guineense em entrevistas radiofônicas e televisivas na Guiné-Bissau / Mariama Turé. - Redenção, 2023.

69fl: il.

Monografia - Curso de Letras - Língua Portuguesa, Instituto de Humanidades e Letras/malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2023.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre António Timbane.

1. Guiné-Bissau. 2. Léxico. 3. Interferências. 4. Português.  
I. Timbane, Alexandre António. II. Título.

CE/UF/BSCA

CDD 410

---

**MARIAMA TURÉ**

**AS INTERFERÊNCIAS LÉXICO-SEMÂNTICAS DO GUINEENSE EM  
ENTREVISTAS RADIOFÔNICAS E TELEVISIVAS NA GUINÉ-BISSAU**

Trabalho de Conclusão de Curso Apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras, Campus do Malês da UNILAB como requisito parcial para conclusão do curso de Licenciatura em Letras-Língua Portuguesa.

Data de aprovação: 2 de fevereiro de 2023.

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof. Dr. Alexandre António Timbane, Professor orientador**

*Alexandre António Timbane*

---

**Profa. Dra. Ezra Alberto Chambal Nhampoca, Professora examinadora**

*Ezra Alberto Chambal Nhampoca*

---

**Prof. Dr. João Muteteca Naege, Professor examinador**

*João Muteteca Naege*

---

Antes de mais, gostaria de dedicar este trabalho para toda minha família. Em especial, a minha mãe que nunca duvidou de mim nesta caminhada, aos meus/minhas amigos/as uma jornada difícil, um caminho longo e sozinha num país tão distante, minha eterna gratidão.

## AGRADECIMENTOS

Preciso profundamente agradecer a ALLAH (DEUS) pela vida e pela saúde que me deu para chegar até aqui com vida, e muito esforço, agradeço imensamente.

A minha família por acreditarem em mim, pelas chamadas de todos os dias se realmente estou bem, distante de tudo e de todos. Minha mãe Tida Turé, meu pai Mamadú Turé e a minha irmã Fanta Turé meu muito obrigada.

Gostaria também de agradecer o meu professor orientador Prof. Dr. Alexandre António Timbane que esteve comigo desde meu primeiro semestre.

Preciso agradecer estas pessoas que a UNILAB me deu Lucas Augusto Cabi e a Verónica Noêmia Cristina Alves pela parceria desde início de tudo, pelos trabalhos em grupo, pelas apresentações de seminários e estágio, foi tudo na base de harmonia e muita paciência durante esses anos minha eterna gratidão pelos ensinamentos.

Preciso agradecer também a esta pessoa que me fez conhecer a UNILAB Assanato Rosa Balde. A Navrathilova Jorge minha amiga pelo suporte durante a minha estadia no Brasil.

Agradeço Aleofa Có, mais nova que eu, mas ela conseguiu preencher um espaço de conforto na minha vida. Mustafa Silla, pela força.

Para Hermano Lona, Settimio, Chiri e Davitson todos esses meninos foram peças fundamentais na minha vida durante o meu percurso como estudante aqui no Brasil.

Dina julce Cadia Lopes, minha colega que virou amiga, minha eterna gratidão. Também a Larissa Rehen, Aerton Alves por tudo. Catia Manuel, além de citar ela no meu trabalho, também é minha, gratidão. Jeisy Rodregues, muito obrigada.

Noêmia Monteiro e Nadesda apenas gratidão pelos momentos em são Francisco do Conde. Sem esquecer de você Aminata Arcádia Vaz Jaite, agradeço imensamente sua amizade no início de tudo, infelizmente tomamos caminhos diferentes.

Dingana Faia Amona, meu muito obrigada por acreditar sempre no meu potencial, e não posso esquecer do meu grande amigo Braima da Sadjocunda gratidão, vocês me tornaram uma pessoa muito mais forte.

A estas pessoas que chegaram no final do meu percurso, e que fizeram muita diferença, Sandra Camala, e o Hélio Carlos Beifa obrigada.

Ao todo, meus profundos agradecimentos a esta instituição, minha casa, UNILAB, não sabia nem o que significava isso, hoje posso detalhar o quão gigante é a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. Como esta casa é necessário para minha vida, e não só como também na vida de muitos.

## RESUMO

A Guiné-Bissau é um país africano situado na Costa Ocidental banhado pelo Oceano Atlântico, constituído por mais de 20 grupos étnicos tendo a língua guineense (comumente chamada de *kriol*) como uma língua franca e da maioria da população, ou seja, uma língua conhecida como a língua da unidade nacional. O país foi colônia portuguesa, tendo alcançado a sua independência em 24 de setembro de 1973 assim sendo o português como língua oficial. A mídia local (radiofônica, televisiva ou escrita) valoriza o português como a língua de comunicação oficial entre as diferentes etnias e com o mundo. Este trabalho procura conhecer as características dessas interferências que partem da língua guineense para o português falado. As razões desse fenômeno se justificam pela fraca aquisição do português, assim como pela qualidade da alfabetização desenvolvida que se baseia no ensino da gramática do português Europeu. Esta pesquisa debate a variabilidade da língua (Labov, 2008), das questões da norma-padrão (Bagno, 2010; Faraco, 2008) e estudos do Léxico (Biderman, 2010; Alves, 2013, Timbane, 2012). Trata-se de uma pesquisa de campo que por meio de 114 gravações de entrevistas da rádio Galáxia de Pindjiguite, rádio Nacional e da Televisão da Guiné-Bissau, se concluiu que os guineenses não falam como portugueses, muito menos que brasileiros. Os materiais de pesquisa tiveram a duração de 331 minutos no total. Os áudios foram ouvidos um por um analisando minuciosamente os fenômenos. As interferências lexicais são comuns na fala dos guineenses passando o léxico de guineense para português. Os sentidos das palavras variam a depender da concepção das práticas das línguas locais. Da pesquisa se percebe que para além dos empréstimos do kriol, há outras unidades lexicais provenientes das línguas bantu. A variedade guineense do português é real e perceptível na fala dos guineenses e o importante seria criar condições para que haja um dicionário que possa ajudar os alunos na identificação dessas unidades lexicais. A pesquisa busca conhecer as razões de interferência de uma língua para outra, no caso, o de guineense para o português. Um trabalho com base nos dados partir das gravações que também foram ouvidas atentamente para que consigamos o nosso resultado final. Da pesquisa se conclui que há interferências da língua guineense no português falado na Guiné-Bissau. Esse fenômeno ocorre porque os contextos



sociolinguísticos influenciam diretamente na variabilidade do português influenciando nos aspectos fonológicos, semânticos, sintáticos e lexicais.

**Palavras-chave:** Guiné-Bissau; léxico; interferências; português.

## ABSTRACT

Guinea-Bissau is an African country located on the west coast bathed by the Atlantic Ocean, is made up of more than 20 ethnic groups with the Guinean language (commonly called *Kriol*) as a lingua franca and the overwhelming majority of the population, that is, a language known as the language of national unity. It was a Portuguese colony, having its independence on September 24, 1973, thus having Portuguese as the official language for its people. The local media (radio, television, or writing) values Portuguese as the official language of communication between different ethnic groups and with the world. This work seeks to know the characteristics of these interferences that depart from Guinean into spoken Portuguese. The reasons for this phenomenon are justified by the poor acquisition of Portuguese, as well as the quality of the developed literacy that is based on the grammar of European Portuguese. This research discusses language variability (Labov, 2008), standard norm issues (Bagno, 2010; Faraco, 2008), and Lexicon studies (Biderman, 2010; Alves, 2013, Timbane, 2012). It is field research that, through the recording of radio and TV interviews in Guinea-Bissau, it was concluded that Guineans do not speak like Portuguese, much less like Brazilians. Therefore, lexical interferences are common in the speech of Guineans changing the lexicon from Guinean to Portuguese. Semantic values vary depending on the conception of local language practices. From the research, it is clear that in addition to the Kriol loans, there are other lexical units from the Bantu languages. The Guinean variety of Portuguese is real and perceptible in the speech of Guineans and the important thing would be to create conditions so that there is a dictionary that can help students to identify these lexical units. As we have already talked about, research specifically to know the reasons for interference from one language to another, in this case, that of Guinean for the Portuguese. A work based on the data from the recordings that have also been listened to carefully so that we can achieve our final result, which are: ***aos i dia de faci, ninguin, fidjus de guiné e barafunda*** these are one of the results of our research, however, it was a work that did not need to identify people, that is, reveal owners of these statements. During this research, we had unforeseen events, where we need to write a letter for the release of materials such as audio, because it was difficult to record, of the few recordings we had made by people we designated for the field of research, claimed many difficulties with the recording devices and not

only as places intended for this research. For a long time, we had recordings where most of our audios were absolutely made in Guinean language, from Radio Pindjigiti, Radio National Broadcasting as well as Guinea-Bissau Television; we still had audio where one of the journalists spoke of the lightness that she feels in doing her interviews in Guinean language.

**Keywords:** Guinea-Bissau; lexicon; interference; Portuguese.

## RUSUMO

Guiné-Bissau i um pais africano ku sta situado na kosta osidental di Afrika e ta labadu pa oceano atlântico, e kumpudu pa mas di 20 grupo étnikus e tene língua guineense ku no pudi tchama de kriol, i língua ku mas ta papiadu pa tudu pupulason, ou tambi i kunsido suma língua kuta djunta elis. I sedu klonia portuguis e toma si n dependencia dia 24 di setembro di 1973, ma i tene portuguis suma si lingua ofisial pa si povo. Mídia di kil lokal Rádio, (Televison ku escrita) i valoriza purtuguis suma lingua di komunikason ofisial entremanga de etnias i ku mundu. E tarbadju purkura kungsi karakteristikas di es nterferensia ku ta sai di kriol pa portuguis kuta papiadu. Roson di es fenomino i ta justifica na fraku akisison di portuguis, asim suma qualidade di alfabetizason ku disinvolido kuta basia na gramatika di portuguis europeia. Es piskisa dibati variabilidade di lingua (Labov, 2008), di es kistons di norma padron (Bagno,2010; Faraco,2008) ku studus de léxico (Biderman, 2010; Alves, 2013, Timbane, 2012). E trata di piskisa di kampu pa meio di gravason di ntrivistas di rádios ku TV di Guiné-Bissau no konclui kuma guineenses kata papaia suma portuguis i nim suma brasileiros. Pabia di kila ku pui nterferensia leksikal i kumun na fala di guineensis na passa lexiku di kriol pa portuguis. Baluris semantikus ta muda kunformu n tindimentu di pratika linguas lokal. Na peskisa no pirsibi além di nprestimus di kriol, e tene utrus unidades lexicais ku bin de linguas bantu. Variedade di guineensi di portuguis i bardadi i ta notadu na vos di guineensis e importanti na sedu kria kondison pa i tem disionarius ku pudi djuda alunus na identifika es unidades lexicais. Suma ku no fala es i tarbadju espesifikamente pa kungsi roson di nterferensia di um lingua pa utru, na caso de guineensi pa portuguis. I uma tarbadju ku base di dados a partir gravason ku tambi obidu ku atenson pa consigui rusultadu final, suma esis: **aos e dia di fasi, festa, ninguin, fidjus di guiné** ku **barafunda** esis i un dus rusultadus di piskisa, ma, e sedu un tarbadju ku ka pirsisa di identifika pekaduris ou mostra dunus di es palabras. Duranti es piskiza no tene nprivistus nunde ku no pirsisa skrivi karta pa danu matrias suma áudios pabia staba na sedu difisil grava, un bokadu di gravason ku fasi pa djintis ku no pui na kanpu di piskiza e falanu di kuma e sta na tene difikuldadis ku aparelhos di gravason ika son kila, suma tambi lugaris ku nona fasi piskiza, duranti manga di tempu, no tene gravasons ku fasidu na guineense, di rádio Pindjiquiti, di rádio Difuson Nacional asim suma ku

television di Guiné-Bissau, i no tene áudio nunde ku jornalista fala ita sinti mas avontadi sina ntrivista alguin na kriol .

**Palabras-tchabi:** Guiné-Bissau; léxico; interferência; português.

## LISTA DE ACRÔNIMOS E SIGLAS

**UNILAB**- Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

**CPLP**- Comunidade dos Países da Língua Portuguesa

**TV**- Televisão

**TGB**- Televisão da Guiné-Bissau

**ANP**- Assembleia Nacional Popular

**RDN**- Rádio Difusão Nacional

**DVD**- Disco Digital de vídeos

**CD**- Disco Compacto

**GB**- Guiné-Bissau

**INE**- Instituto Nacional de Estatísticas

**LP**- Língua portuguesa

**RTP**- Rádio televisão portuguesa

**RTS**- Rádio televisão senegalesa

**LGG**- Língua Gestual Guineense

**LB**- Língua Bantu

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	16
<b>2</b>	<b>CAPÍTULO I: ASPECTOS TEÓRICOS SOBRE LÍNGUA E LINGUAGEM</b>	18
2.1	LÍNGUAS DE GUINÉ-BISSAU: PAPEL DO GUINEENSE E DO PORTUGUÊS	20
2.2	O PAPEL DO CRIOULO E O PORTUGUÊS	21
2.3	O PAPEL DO PORTUGUÊS	23
2.4	LÍNGUA GESTUAL GUINEENSE (LGG)	27
<b>3</b>	<b>CAPITULO II: A DIFERENÇA ENTRE A FALA E A ESCRITA</b>	31
3.1	A LÍNGUA FALADA E SUAS CARACTERÍSTICAS: A LÍNGUA EM MOVIMENTO	32
3.2	A LÍNGUA ESCRITA: A MODALIDADE DE LÍNGUA CONSERVADORA	34
<b>4</b>	<b>CAPÍTULO III: O QUE É UM TEXTO JORNALÍSTICO</b>	37
4.1	TEXTO JORNALÍSTICO	37
4.2	COMO SE ESCREVE UM TEXTO JORNALÍSTICO	37
4.3	ESTRUTURA DA NOTÍCIA	40
<b>5</b>	<b>CAPITULO IV: ASPECTOS LÉXICO-SEMÂNTICO DE UMA LÍNGUA</b>	42
5.1	O LÉXICO DE UMA LÍNGUA	42
5.2	OS ESTRANGEIRISMOS/EMPRÉSTIMOS LINGUÍSTICOS COMO PROCESSOS NEOLÓGICOS	45
5.3	OS ESTRANGEIRISMOS E OS EMPRÉSTIMOS LEXICAIS NA LÍNGUA	47
5.4	SEMÂNTICA: O SIGNIFICADO DAS UNIDADES LEXICAIS	51
<b>6</b>	<b>CAPITULO V: METODOLOGIA E ANÁLISES DE DADOS</b>	54
6.1	RÁDIO DIFUSÃO NACIONAL DA GUINÉ-BISSAU	54
6.2	RÁDIO GALÁXIA DO PINDJIGUITI	56
6.3	TELEVISÃO DA GUINÉ-BISSAU TGB	58
6.4	ANÁLISE DE DADOS	59
6.4.1	Rádio Difusão Nacional da Guiné-Bissau	60
6.4.2	Televisão Nacional Da Guiné-Bissau TGB	61
6.4.3	Rádio Galáxia Pindjiguiti	62
<b>7</b>	<b>CONCLUSÃO</b>	65
	<b>REFERÊNCIAS</b>	68

## 1 INTRODUÇÃO

Antes de adentrar no cerne do assunto a ser tratado, impende situar o contexto sociocultural em que se centra o nosso local de estudo, neste caso, o da Guiné-Bissau, um país africano que foi colonizado por Portugal durante vários séculos, e que só conquistou a sua independência em 24 setembro de 1973. A par de vários países africanos, na Guiné-Bissau são faladas mais de vinte (20) línguas dos grupos étnicos (COUTO E EMBALÓ, 2010) e cada grupo possui a sua cultura e formas de comunicação. Contudo, o português é a língua oficial, e é falada em contextos mais formais de comunicação havendo a língua guineense (comumente chamada de *krio*), uma língua de base lexical portuguesa falada em todo território nacional como uma língua franca.

De acordo com Hlibowicka-Węglarz (2016, p.39) no passado uma língua franca “funcionou sempre como um instrumento auxiliar, meio precário de comunicação entre falantes de línguas mutuamente ininteligíveis.” Hoje, uma língua franca não é considerada uma língua precária, porque o guineense é uma língua natural investida de uma gramática completa coerente para os contextos da comunidade que a fala. Entendamos por língua franca aquela “que serve como meio de comunicação entre povos de línguas diferentes, mas que não resulta necessariamente da combinação de duas ou mais línguas diferentes” (HLIBOWICKA-WEGLARZ, 2016, p.40).

Neste contexto, o presente trabalho propõe-se analisar as interferências lexicosemânticas que de certa medida interferem no português falado no país. Caniato (2002) e Hlibowicka-Węglarz (2016) explicam o aparecimento dos “crioulos” justificando que surgiram pela necessidade comunicativa entre pessoas falantes de diferentes idiomas. Surgem “em circunstâncias históricas em que uma comunidade multilíngue abandona parcial ou completamente a(s) sua(s) língua(s) de herança, mas não fornecem ao grupo uma língua que já existe” (SOUZA, 2020, p.39).

Os meios de comunicação são meios de difusão do conhecimento do interesse público e das línguas. Por isso, uma língua pode ser revitalizada por meio da mídia, porque ela pode ser usada nas notícias, nas reportagens. A variação do português da Guiné-Bissau existe e pode ser observada na fala dos entrevistados, nos locutores da rádio e nos apresentadores de televisão. Pode haver uma tentativa



de imitar um sotaque de Portugal, mas não deixa de ser uma variedade própria da Guiné-Bissau. Daí que se questiona quais as unidades lexicais (próprias da variedade) mais frequentes nas notícias radiofônicas e televisivas na Guiné-Bissau? Até então, entender o porquê das interferências do guineense no português falado, ou seja, se essa interferência do crioulo nas notícias jornalísticas em português se deu não só pelo processo histórico colonial, mas também se manifestam pelo processo de empréstimo linguístico; ou se é porque o guineense é a língua materna da maioria, ou se então os próprios guineenses têm mais domínio do guineense do que português.

As motivações são plausíveis, pois toda língua pertence a uma herança contínua e o português chegou na GB por processos históricos. Para Filomena (2015) a racionalidade ocidental dominante tem sido hostil em relação a outras formas de produção de saberes e línguas que de certo modo não segue pensamentos africano. Isso faz com que haja preconceito de que o que vem do Ocidente não serve e a Europa deve ser o modelo universalista de civilização. A Guiné-Bissau sendo um dos países africanos que foi palco da subjugação colonial em várias dimensões, viu-se as suas culturas e línguas enfrentando o dilema de subjugação e aniquilação, visto que com mais de vinte línguas locais nenhuma delas é oficializada. Nem a constituição da República de 1973 e 1996 fazem alusão.

Portanto, a escolha deste tema justifica-se por diversas razões, a saber: pessoal, sociopolítica e acadêmica. O trabalho apresenta cinco capítulos. No primeiro, discutimos o conceito de língua e linguagem trazendo ao debate as ideias de Saussure, e também falamos das línguas da GB, papel do guineense assim como do português. No segundo, debatemos sobre a diferença entre a fala e a escrita, sua importância na sociedade, neste mesmo capítulo convidamos vários autores como: Timbane, Bá, o Marcuschi entre outros. E no terceiro capítulo é reservado para as discussões sobre o que é um texto jornalístico, falamos da sua característica e como é estruturado, para esse capítulo trouxemos autores Borghetti, Lima e Eliza. No quarto discutimos as interferências lexicais e semânticas na língua, nesse debate os autores Biderman, Santana, Basílio entre outros autores não mencionados, mas que trouxeram ideias necessárias para pesquisa. O quinto e último capítulo, é reservado às discussões metodológicas do nosso trabalho e os caminhos percorridos, também no mesmo capítulo fizemos as apresentações e as análises dos dados.

## 2 CAPÍTULO I: ASPECTOS TEÓRICOS SOBRE LÍNGUA E LINGUAGEM

Parece ser uma tarefa fácil definir o que seria uma língua e linguagem. Definir o conceito “língua” exige muita coisa, além de ser um fenômeno que precisa ser estudado até agora, por isso não podemos centralizar em uma única definição. Assim sendo, toda sociedade humana possui línguas, e é por meio dela que ocorre a comunicação entre os membros da comunidade. É por meio da língua que as pessoas transmitem as suas emoções, ideias, culturas e tradições. O ser humano é por natureza um ser comunicativo, podendo a língua ser utilizada de forma oral, escrita ou por sinais. Entendamos a língua como um conjunto de códigos criados para transmitir mensagens, ideias, emoções, ou ainda desejos.

É com a língua que expressamos o nosso pertencimento, o nosso grupo social ou étnico. É possível descobrirmos a origem do indivíduo por meio da sua língua ou variedade, por isso a língua é um elemento de identidade. Santos e Timbane (2020) analisam a língua como um elemento importante para a identidade de uma comunidade de fala. As variedades buscam sempre uma identidade sociocultural do povo que a utiliza. Desta forma

O léxico é a face mais notável da língua junto com a fonologia. Essas diferenças não constituem erros nas variedades porque são fenômenos previstos pelo sistema linguístico. Algumas unidades lexicais de Portugal e de Brasil apresentam sentidos semânticos distintos isso mostra como a variabilidade da língua ou da variedade se liga à cultura dos falantes. (CABI, 2021, p.566).

De acordo com Saussure (2006, p. 80), o signo linguístico “une não uma coisa de uma palavra, mais um conceito e uma imagem acústica”. É neste contexto que as nossas imagens acústicas aparecem no nosso signo o que nos leva ao domínio da linguagem. A língua é uma herança uma vez que ela pode ser adquirida ou aprendida de geração em geração, mas também a língua é uma conquista porque pode ser aprendida por outras nações com interesses de diversa ordem.

A língua pode ser definida como “um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotada pelo corpo social para permitir o exercício desta faculdade nos indivíduos” (SAUSSURE, 2006, p. 17).

Todas as línguas são importantes para as suas comunidades. Isso vale para as variedades. Os limites entre língua e dialeto, por exemplo, dependem da forma

como aquela sociedade define. Desta forma, “se ser humano é ser na linguagem, ser humano também é ser social, de modo que linguagem e sociedade são indissociáveis...” (BAGNO, 2014, p.11). O autor (p.10) nos mostra que a “linguagem é, ao mesmo tempo, o objeto/fenômeno e a expressão desse objeto/fenômeno”.

Para Saussure (2006), a língua não é nada além de ser uma parte determinante e essencial da linguagem e ao mesmo tempo um produto social da faculdade da própria linguagem. Além de ser um conjunto de conversações necessárias adotado pelo corpo social. Assim como salientou o que seria a linguagem além de definir, ainda fez nos pensar e analisar o comportamento de uma linguagem sendo que ele tem dois lados que são um lado individual e o lado social ou plural. A linguagem é, sem dúvidas, a capacidade humana de utilizar sinais linguísticos com vistas à comunicação. A linguagem é uma habilidade, é um processo de interação e pode ser qualquer conjunto de signos ou sinais, enquanto que a língua se constitui de códigos, de palavras e combinações específicas compartilhadas por um grupo ou comunidade de fala. A fala é humana.

A nossa sociedade ainda não se encontra pronta para saber diferenciar, uma sociedade onde a grande maioria pensa que as falas são comuns, a sociedade exige o mesmo processo sonoras e nasais entre seres humanos. Onde uma pessoa fala bem e automaticamente a outra fala mal. É importante saber que as falas são individuais e a escrita exige o dito acordo ortográfico. A linguagem é um fato social. (SAUSSURE, 2006, p.17). É entendida como a “faculdade cognitiva da espécie humana que permite a cada indivíduo representar/expressar simbolicamente sua experiência de vida, assim como adquirir, processar, produzir e transmitir conhecimento” (BAGNO, 2014, p.58).

A linguagem, sendo uma capacidade humana e individual, ele ainda se manifesta de forma voluntaria e involuntariamente dentro do contexto social, pois pessoas isoladas da sociedade jamais poderão saber acompanhar o desenvolvimento de uma língua. É a interação entre membros da sociedade que a língua floresce e ganha sentidos alicerçados pela cultura. De acordo com Lé (2001, p.141)

Todas as práticas culturais e sociais de uma etnia giram em torno de sua língua, o que não escapa ação de nomeação porque, para nomear, o homem sempre apropria dos elementos linguísticos disponível na sua língua e os organiza de acordo com a sua intenção considerando circunstância.

A discussão de Lé (2021) mostra que apesar da existência de uma diversidade linguística na Guiné-Bissau, não retira as relações sociolinguísticas entre diferentes grupos étnicos. Os grupos se identificam primeiramente pelas línguas que as falam. A Declaração Universal dos Direitos Linguísticos (1996) defende que “todo o membro de uma comunidade linguística tem direito a exprimir-se e a ser atendido na sua língua, nas suas relações com os serviços dos poderes públicos ou das divisões administrativas centrais, territoriais, locais e supraterritoriais aos quais pertencem” Este direito precisa ser respeitada pela sociedade e pelos governantes guineenses.

Terminamos esta parte sublinhando que todas as etnias se identificam por meio de uma língua. A língua carrega elementos sutis de identidade e de pertencimento. É com ela que fazem a troca de saberes e experiências, é com ela que se realizam os ritos, que se invocam aos antepassados e sobretudo a identidade que se forma a partir do contexto em que se inserem o discurso e os interlocutores (SANTOS, TIMBANE, 2020).

## 2.1 LÍNGUAS DE GUINÉ-BISSAU: PAPEL DO GUINEENSE E DO PORTUGUÊS

Segundo Couto e Embalo (2010, p.28). "no pequeno território da atual Guiné-Bissau, são faladas cerca de 20 línguas grupos de étnicos” sendo assim, percebe-se a grande variação linguística no próprio território. Essas línguas étnicas são línguas de convívio da população. No entanto, mesmo com a existência das línguas étnicas, mas a presença do guineense na Guiné-Bissau é primordial. Estudos extraídos dos estudos de Couto e Embaló (2010) mostram que as línguas étnicas faladas fluentemente são: Fula, Balanta, Mandinga, Mandjaco, Pepel, Felupe, Biafada, Bijagó, Mancanhe e Nalu. Vale apenas lembrar que existe outras além dessas como por exemplo: Djacanca, Sussu, Balanta Mane, Mansoanca Saracule entre outras, limitamos em mencionar as mais faladas tanto no interior do país assim como na capital Bissau.

É importante apontar que, as três primeiras línguas adicionadas são línguas mais faladas: fula (28,5. %), balanta (22,5.%) e mandinga (14,7%) (INE, 2009). E assim sabemos que além da língua guineense, as demais línguas são chamadas línguas étnicas. Para Manuel e Timbane (2021), o nome étnico se justifica pelo fato de algumas línguas acima mencionadas também são faladas em outros países vizinhos, como no caso de Guiné-Conakry, Senegal e Gâmbia.

Sob o ponto sociolinguístico, as duas línguas seriam aproveitadas no estabelecimento de parcerias entre a GB e os três países (Senegal, Gâmbia e Guiné-Conacri) que as falam se a políticas linguísticas tivesse as colocadas como oficiais. Essas línguas são línguas inteligíveis, apesar de ser faladas nesses países, isto é, os limites linguísticos são diferentes dos limites geopolíticos, o que significa que a partilha de África não respeitou as particularidades sociolinguísticas e culturais.

O menosprezo pela língua guineense, pelo fato de que os guineenses acreditam que essa língua é apenas falada em poucos espaços geográficos, ou seja, especialmente na África. Como sabemos, os africanos tentam minimizar o que é da sua origem, tudo isso faz parte do processo colonial, a interação entre os guineenses e os senegaleses no caso, não se limita apenas em língua francesa ou inglesa, vale lembrar que a língua oficial da Gâmbia é o inglês, e pelo Senegal é a língua francesa. Esses povos vizinhos em algumas vezes se comunicam por essas línguas étnicas, mandinga, balanta e outras, como no caso das pessoas que não falam as duas línguas oficiais acima citadas, em algumas circunstâncias do cotidiano falam o **guineense**.

Por outro lado, vale ressaltar que falta uma política linguística que possa beneficiar as línguas locais num país onde existe várias línguas autóctones cujas manifestações expressivas são totalmente diferentes. A Guiné-Bissau possui uma diversidade linguística com várias línguas faladas inclusive as que citamos anteriormente em todo território nacional e nenhuma delas é oficial, torna-se um fator preocupante (COUTO, EMBALO, 2010). Nesta mesma ótica, Cá e Timbane (2021) argumentam que as línguas africanas deveriam ser as principais nesse território, porque elas dizem respeito à identidade cultural do povo da Guiné-Bissau, no que se refere à valorização das identidades próprias de um povo.

## 2.2 O PAPEL DO CRIOULO E O PORTUGUÊS

A língua guineense como uma língua da unidade nacional, e da maioria esmagadora (90,4%), INE (2009) ainda desempenha um papel importante para sociedade guineense. A comunicação real/concreta entre os guineenses, especialmente nas zonas urbanas tanto na fala, assim como na escrita é feita na língua guineense. Mesmo em situações formais como na Assembleia Nacional

Popular, os deputados usam o guineense para debater diversos assuntos da sociedade. As discussões em língua guineense são mais rentáveis do que aquelas que são realizadas em português.

Apesar de ser uma língua do maior uso, ainda não possui gramática publicada. Os dicionários produzidos são bilíngues e não monolíngues. Não é uma língua de ensino mesmo sendo uma língua importante para a maioria da população. Apesar de ter dicionário próprio, os guineenses ainda escrevem o guineense de forma diferente, justamente porque ainda não houve a padronização ortográfica. Este assunto teria sido ultrapassado se a política linguística tivesse valorizado esta língua. Não há formação de professores nem perspectiva de ensino em língua guineense.

A língua guineense tem um grande papel para os seus falantes, porque é a língua de discussão no parlamento nacional que é a Assembleia Nacional Popular (ANP), o local onde as grandes decisões políticas são tomadas, onde as ideias e os desejos de cidadãos são apresentadas e discutidas. É bom lembrar também que o guineense é a segunda opção dos professores para explicar as matérias caso o português tenha dificultado os alunos (MENDES, 2019).

Para um professor utilizar a língua guineense em sala de aulas, usa de forma “escondida” porque, a direção da escola proíbe o uso dessa língua nas aulas, incluindo em todo o espaço escolar. Para Couto e Embalo (2008), a língua guineense e o português não são línguas maternas de toda população porque há outras línguas de origem africana. No entanto, a valorização do português neste país, e menosprezo das demais línguas nos quais a maioria dos guineenses fala, causará dificuldades para o futuro dos próprios guineenses. A importância da língua guineense dentro sala de aulas, é de igual modo como inglês, o francês e o próprio português, uma língua de inúmeras importâncias.

Em qualquer país no mundo, existe pessoas que se familiarizam com TV, e a Guiné-Bissau não ficou por trás, especialmente, jovens que se interessam pelas novelas e programas de entretenimento. Os telejornais são apresentados em português, com repetição nos horários diferentes em língua guineense. A língua guineense faz parte da cultura dos guineenses Couto e Embalo (2008). E ainda é usado por todos os grupos étnicos, como língua da cultura e das tradições, tal como

se pode perceber nas canções, nos contos, na religião, no mandjuandade<sup>1</sup> e em outras práticas das comunidades.

### 2.3 O PAPEL DO PORTUGUÊS

O português é a língua oficial da República da Guiné-Bissau. Cabral (1974) defendeu que o português era uma das melhores heranças que os colonizadores tinham deixado. É preocupante uma afirmação como essa, porque os portugueses pouco se interessaram em ensinar africanos para ser doutores e engenheiros. A educação colonial tinha o intuito de ensinar a ler e a escrever apenas. Se os portugueses deixaram o português, não conseguiram deixar a variedade europeia. Hoje se fala português guineense que é objeto de estudo nesta pesquisa.

A presença do português é importante porque os guineenses conseguem se comunicar com outros povos pertencentes à comunidade lusófona. A língua fortalece relações e estabelece parcerias entre povos diferentes. Neste aspecto o português é fundamental. Por outro lado, a obrigatoriedade de ensino atrasa em muitos momentos os alunos e estudantes da GB, porque muitos alunos reprovam e repetem de ano devido ao fraco conhecimento desta língua prestigiada

Por outro lado, é pertinente, porque, as cooperações feitas, e os que ainda virão entre vários países também serão por conta da língua oficial, graças ao português, que a Guiné-Bissau se encontra na conjuntura da CPLP que é nada mais que comunidade dos países da língua portuguesa. Esta comunidade tem como objetivos a concertação político-diplomática e a cooperação em todas as suas formas e a promoção e defesa da Língua Portuguesa, através de um intenso diálogo cultural. Há que realçar a CPLP é regida pelos seguintes princípios:

Igualdade soberana dos Estados-Membros; Não ingerência nos assuntos internos de cada Estado; Respeito pela sua identidade; Reciprocidade de tratamento; Primado da paz, da democracia, do estado de direito, dos direitos humanos e da justiça social; Respeito pela sua integridade territorial; Promoção do desenvolvimento; Promoção da cooperação mutuamente vantajosa. (<https://www.cplp.org/>).

---

<sup>1</sup> Grupo de pessoas de diferentes lugares, de diferentes etnias e de diferentes idades, manifestações da oratura que abordam questões da vida cotidiana e que podem manifestar por meios de canções, poesias, danças, músicas entre outras práticas em contextos urbanos.

Então, a GB está inserida neste contexto e procura estabelecer parcerias por meio da língua, mas o grande perigo é de desprezar as línguas africanas faladas no país. Falando sobre “o pensamento freireano sobre a educação, visto sob perspectiva africana e afro-brasileira”, Timbane e Luiz (2021) afirmam que a língua autóctone é fundamental para o desenvolvimento endógeno. Uma educação que não valoriza a língua materna dos alunos é colonizadora e Paulo Freire esteve na GB, viveu na GB. De acordo com Paulo Freire (apud TIMBANE, LUZ, 2021) a autonomia do aluno deve ser potencializada pela língua que é instrumento de percepção e da interpretação do mundo.

Ainda existe preconceito linguístico com relação às LB na GB. Isso acontece porque os guineenses acham que o português é de Portugal e ainda não percebem que apenas tem origem portuguesa, mas na GB já se fala uma variedade local.

Na concepção dos guineenses existe um único português, e obviamente para eles, o único português é dos portugueses. O único sotaque é aquele que é falado em Portugal. Por isso, eles se sentem inferiores, incapazes de falar e limitados para atingir aquela variedade. É nessa perspectiva que a dificuldade de falar português aumenta cada vez mais, porque, todos querem usar o léxico ou pronúncia do português de Portugal. De acordo com Bagno (2007), não é em Portugal onde se fala melhor português. Todas as variedades têm valor e significado para as comunidades que as falam.

O português é uma língua terceira e/ou quarta língua para a maioria dos guineenses. Em muitos casos, uma língua bantu é a primeira, e a segunda é o guineense, o português em muitos momentos é uma terceira ou até quarta língua. É um desafio para estudar português, especialmente quando o ensino visa ensinar apenas a gramática. O professor Possenti critica a ideia de ensinar a gramática ao invés de ensinar a língua. De acordo com Possenti (1996, p.54),

Não vale a pena recolocar a discussão pró ou contra a gramática, mas é preciso distinguir seu papel do papel da escola — que é ensinar língua padrão, isto é, criar condições para seu uso efetivo. É perfeitamente possível aprender uma língua sem conhecer os termos técnicos com os quais ela é analisada. A maior prova disso é que em muitos lugares do mundo se fala sem que haja gramáticas codificadas, e sem as quais evidentemente não pode haver aulas de gramática como as que conhecemos.



Na verdade, ensinar a gramática é tarefa da escola, com isso não se pode ensinar como “uma camisa de força” por isso “o tratamento da gramática num espaço escolar há de respeitar a natureza da linguagem, sempre ativada para a produção de sentidos, o que se opera nesse jogo entre restrições escolhas que equilibra o sistema” (NEVES, 2009, p.85). A norma padrão é importante e é por meio dela que acessamos as oportunidades de emprego, mas isso não significa que as outras normas não têm valor social. O português continua sendo hegemônico e importante devido a política linguística adotada pelos governos desde a independência em 1973. De acordo com Couto e Embalo (2010, p.49)

os discursos oficiais são publicados sempre em português, mesmo quando proferidos em crioulo oralmente. A constituição do país está redigida em português. Em português é que se publicam os jornais *Nó Pintcha*, *Banobero*, *Correio de Bissau* etc. Os nomes de ruas, a nomenclatura da máquina administrativa, os ofícios, as circulares, as leis, os nomes de estabelecimentos comerciais, tudo está em português.

Couto e Embaló (2010) mostram que o português sempre ganhou espaço privilegiado em contextos oficiais atitude contrária quando se trata das línguas africanas. De acordo com Couto e Embaló (2010) não se pode ignorar que já há falantes de português como língua materna. O português possui pouco mais de 30% de guineenses que a falam como língua materna, percentagem populacional que se verifica especialmente nas grandes cidades impulsionados pela educação obrigatória. Esta ideia contraria com o que se observava no período colonial. Durante a luta de libertação, os guineenses entendiam que o crioulo era única alternativa dentre todas as línguas, naquele momento como uma língua que conseguiria lhes unir e provavelmente ser escolhida como uma língua oficial. Havia uma sensação de que o português seja uma língua do inimigo. Entendemos que a LP continua sendo importante, embora em nenhuma página da constituição se faz referência às línguas.

Um dos insucessos no ensino da língua português se centra no uso de manuais desatualizados e baseados no ensino da gramática. Estudos de Coelho e Timbane (2022) mostram que os materiais didáticos da 1ª e 2ª classes, por exemplo, não têm nada a ver com a realidade social dessas crianças porque os conteúdos apresentados são de uma língua que não faz parte do cotidiano das crianças e isso acaba afetando a proficiência deles. Ensinar a escrita em língua portuguesa ocorrer

ser de uma forma gradativa evitando que a escola deva ser o centro de formação de analfabetos funcionais.

Coelho e Timbane (2022) acrescentam que não escrevemos o que falamos, a escrita é uma invenção, ou seja, ela é artificial e é a falta de percepção dos conteúdos nas escolas, a falta de emprego por não saber falar "corretamente" e também a repetição de ano escolar, atenção os próprios professores das escolas públicas e privadas, apresentam inúmeras dificuldades em expandir o conhecimento para os seus alunos, e não só. De acordo com (MANUEL, TIMBANE, 2018). Como é possível que alguém seja julgado, interrogado e condenado em português se não sabe falar essa língua? Como o doente poderá explicar o histórico da doença se o médico só fala português? É urgente pensarmos como uma língua pode definir o futuro das pessoas, considerando que o português é apenas uma língua oficial, e de cooperações, mas o guineense como da maioria esmagadora, é necessário entender e analisar de que forma devesse resgatar as mentes perdidas que de uma hora ou outra, o guineense será uma guia e o bem proveitoso para população.

Ainda é preocupante observar a desvalorização do guineense, em comparação com as outras línguas como, português, inglês, francês, em contrapartida de uma justificativa inaceitável de que o mandarim que é uma língua de uma das nações mais poderosas do mundo, e poucas se interessa por aquela língua apenas os seus falantes, imagina o guineense que é do continente onde tudo é colocado em uma mera desvalorização. Essas expressões negativas não justificam a não oficialização de uma língua, o guineense pelo simples fato de ser uma língua da maioria, já merece um destaque de todas as pessoas, principalmente dos seus falantes. Até porque, a oficialização de uma não diminuirá a presença da outra.

Voltando ao português e seus papéis, vale apenas lembrar que a Guiné-Bissau não herdou apenas a língua, mas sim é toda uma conjuntura social de um povo que lhes escravizou, durante séculos, desde formato das leis, os modelos da metodologia do ensino e aprendizagem, até nos comportamentos o dito "civilização". Ainda sobre o português no insucesso escolar, graças a essa herança, veja-se as continuações dos processos colonial, as metodologias que vem carregando uma ideologia contrário da realidade dos professores, dos alunos, e de toda população em grande maioria, os componentes com insatisfação histórica de uma outra realidade.

Um simples pronunciamento das falas forma uma fatalidade por não ter todo aquele léxico do português de Portugal “bom português” para muitos, o verdadeiro português seria de Portugal, é notório o preconceito linguístico em diversos lugares como: rádios, televisão, nos manuais e revista até nos instrumentos tradicionais, dizendo o que pode, e o que não pode, quando se trata de língua durante o seu uso formal assim como informal Bagno (2007) português ainda é um desfoco das autoridades guineenses, isso demonstram um elevado nível de alienação e de pensamento eurocêntrico na sociedade atual onde se encontra a Guiné-Bissau, as questões linguísticas, ou seja, os estudos linguísticos não são vistas de forma fluente nesse lugar, porque, é um país ainda em degraus baixos em termos das políticas e planejamentos linguísticos.

Além da variação linguística entre países lusófonos, também é possível observar que existe países que apresentam variedade linguística no seu próprio território, como no caso do Brasil. Este país apresenta uma diversidade e variação linguística em uma única língua, por exemplo, o português falado no Sul do Brasil não é o mesmo com o português falado no Nordeste, portanto, precisamos aceitar e reconhecer que existem variações linguísticas na mesma língua (BAGNO, 2007).

Concluimos esta parte afirmando o português tende a se expandir na GB e ocupa um espaço de privilégio e da busca de cooperação com o mundo. As línguas africanas sempre interferirão no português perpetuando a variabilidade do português na GB. O português vai buscar espaço mais alto, mas seria interessante que as línguas africanas também sejam classificadas como oficiais. Essas línguas seriam oficiais nas etnias onde são faladas. Cremos que o português veio à GB para somar e não para excluir as restantes línguas locais. Seria interessante que o português caminhasse em pé de igualdade com as línguas respeitando a Declaração Universal dos Direitos Linguísticos (1996) que defende que “todas as línguas são a expressão de uma identidade coletiva e de uma maneira distinta de apreender e descrever a realidade, pelo que devem poder beneficiar das condições necessárias ao seu desenvolvimento em todas as funções” (Art.7º).

#### 2.4 LÍNGUA GESTUAL GUINEENSE (LGG)

A LGG é uma língua natural, visual-espacial, materna para comunidade surda que utiliza na sua comunicação os sinais. É uma língua com estrutura gramatical própria,

autônoma, com uma cultura própria falada na Guiné-Bissau (SILVA, 2021). É um poderoso símbolo de identidade e de libertação dos surdos que infelizmente ainda são tratados como deficientes. Ser surdo não é ser deficiente e por isso, este grupo minoritário merece ser tratado com igualdade e sem discriminação.

Quando se fala de línguas da GB pouco se fala da Língua Gestual Guineense (LGG), como se ela não existisse, como se a comunidade de fala não existisse. Há uma tendência de apagar essas minorias populacionais sem dar o devido espaço e valor no seio da sociedade. Nesta pesquisa criticamos essa atitude da política linguística que não eleva e nem apoia a comunidade surde guineense. Na verdade, a LGG existe e vive nas comunidades de fala desempenhando o mesmo papel que as restantes línguas da GB desempenham.

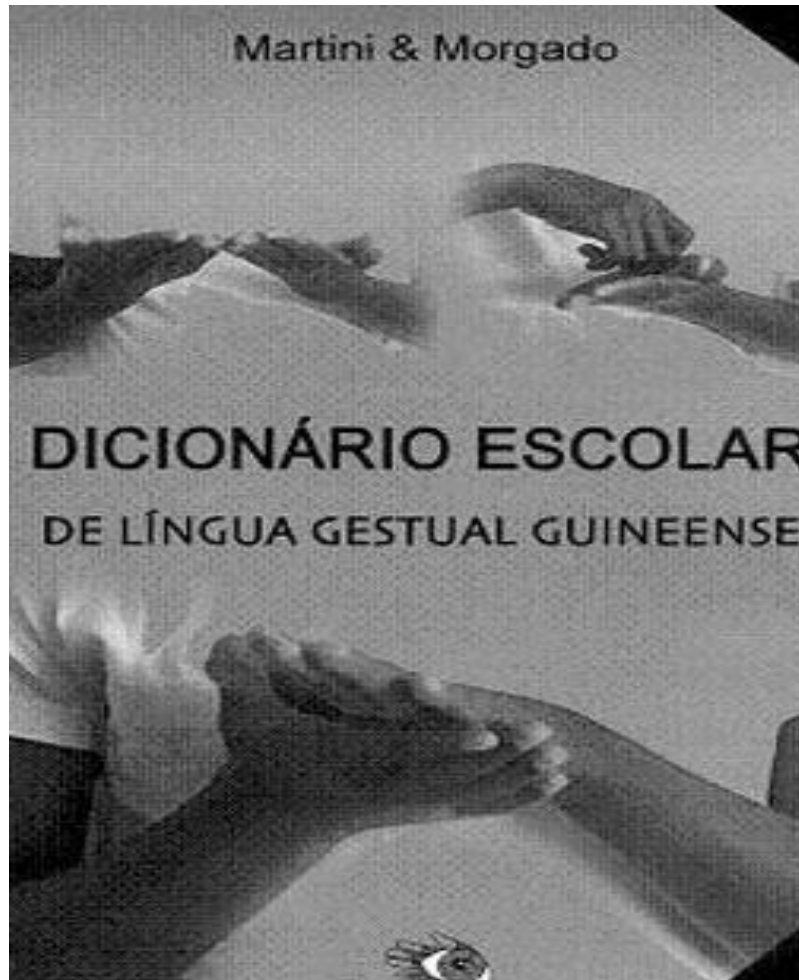
Alguns Países Africanos de Língua Portuguesa (PALOP) como é o caso de Moçambique estão avançados na criação de gramáticas e dicionários que descrevem a língua. Numa entrevista realizada a TV Surdo-Moçambique, Turé e Timbane (2021) relevou-se o quão é importante e bonito integrar o surdo na sociedade, dando-lhe os direitos de enquanto seres humanos com direitos e deveres tal como qualquer cidadão. A TV Surdo – Moçambique oferece notícias em língua de sinais, oferece outras informações de utilidade pública e coloca o surdo em pé de igualdade. Os interpretes de línguas sempre aparecem nos outros canais da TV de Moçambique.

De acordo com Timbane e Silva (2021), o professor ouvinte e o docente surdo vivem ambientes e culturas diferentes. As línguas de sinais são de aquisição/aprendizagem visual e a sua produção é espacial e motora, fato que difere das línguas orais que usam como instrumento principal o som. Por outro lado, matricular uma criança surda num modelo de ensino regular é importante porque ela terá a oportunidade de interagir com os colegas. Por isso, a escola deve-se preparar metodologicamente para lidar com o aluno surdo. É necessário que a criança surda não fique excluída e deixada isolada num dos cantos da sala. A criação de materiais didáticos é tarefa do professor adaptando esses materiais à realidade e a variedade local da língua. (TIMBANE, SILVA, 2021).

Na GB não tem ainda investimentos na pesquisa e produção de materiais para surdos. As escolas especiais localizam-se nas grandes cidades e não respondem a demanda real da população. As poucas iniciativas na tentativa de criação de dicionário iniciaram em 2005 e que nas atividades de convivência dos

alunos surdos, a equipe de pesquisa e coleta para o dicionário registrou 200 sinais, o que permitiu e incentivou a criação da Escola Nacional de Surdos. A partir de uma segunda fase de registros no ano de 2006, cujo cômputo foi de 520 novos gestos registrados, foi possível, em 2008, a publicação do “Dicionário Escolar de Língua Gestual Guineense” (MARTINIS; MORGADO, 2008). Veja a capa em anexo:

**Figura 1** - Capa do dicionário



Martins e Morgado (2008) explicam que devido ao aumento exponencial dos alunos surdos (em 2006) foi criada a Escola Nacional de Surdos, que passou a utilizar salas em simultâneo, aproximando os turnos dos grupos de surdos para que desenvolvessem um maior contacto. Mas esse esforço ainda precisa de ser potencializado e reforçado, especialmente na formação de professores em todos os níveis de ensino. Na entrevista de Turé e Timbane (2021) ficou clara a ideia de que aproximar os surdos na sociedade estamos oferecendo o direito mais importante presente na constituição: a igualdade entre cidadão. A televisão ainda precisa incluir

intérpretes, os discursos públicos devem ser interpretados, quer dizer, o surdo não pode ser excluído.

Para Basoni, Witches (2020, p.1354) a insuficiência de políticas que pautem a língua de sinais e a educação de surdos contribui para dificultar a formação e a profissionalização de tradutores intérpretes e de professores especializados nessas línguas, resultando na precarização das condições de vida das pessoas surdas. A falta de suporte para a criação e manutenção de uma língua comum tende a ferir a liberdade linguística e a percepção identitária, subjetiva e cultural dos sujeitos. De acordo com Basoni, Witches (2020, p.1344)

[...] foi no ano de 2003 que um número maior de surdos se agrupou sob uma instituição educacional. Na Escola Bengala Branca, da Associação Guineense para Reabilitação e Integração dos Cegos (AGRICE), e com o apoio da Associação Portuguesa de Surdos (APS), começou-se a observar certa unificação linguística da comunidade surda guineense.

Terminamos esta parte defendendo a valorização da LGG assim porque “Todas as comunidades linguísticas têm direito a que a língua própria do território ocupe um lugar de primazia nas manifestações e serviços culturais, tais como bibliotecas, videotecas, cinemas, teatros, museus, arquivos, produção informática, folclore, indústrias culturais e todas as outras formas de expressão que derivem da realidade cultural.” (Art. 45º).

### 3 CAPITULO II: A DIFERENÇA ENTRE A FALA E A ESCRITA

A fala, a escrita e o sinal são formas da manifestação da língua. São formas de materialização da língua pelo fato de ser abstrata. De acordo com Coelho e Timbane (2022, p.17) a escola é conhecida por ser um lugar formal onde acontece a alfabetização, mas não significa que acontece somente nas escolas, ela perpassa a escola tendo em conta a sociedade letrada em que nós vivemos, diariamente estamos envolvidos no processo de letramento.

A fala, a escrita e o sinal representam a língua e materializam o que é construído na mente. A língua é abstrata, mas se materializa por meio destas três formas. Nesta pesquisa, abordamos apenas dois: fala e escrita. Como sabemos a importância de cada uma dessas ferramentas de comunicação. Portanto, podemos considerar que a fala assim como a escrita todas elas apresentam um papel pertinente na comunicação. Mas, nos dias de hoje, a sociedade dá mais importância à escrita, e ainda condiciona o modo com devemos falar. Por isso, trouxemos o Marcuschi (1996) para o nosso diálogo.

Em espaços formais, a escrita tem maior valor que a fala. Não basta o policial interrogar, ele tem de transcrever as falas para que elas tenham valor jurídico após a assinatura. Não basta a noiva dizer que o ama. Ela deve assinar uma declaração para segurar que suas palavras tenham valor. Não basta afirmar que sou Mariama Turé. Preciso mostrar um papel (RNE ou Passaporte) onde vem a minha foto e assinatura. Em sociedade de cultura escrita, a escrita vale mais do que a fala.

Marcuschi (1996) e Bá (2013) fazem-nos lembrar que a escrita vem depois da fala e mostraram que cada povo tem suas tradições, uma delas é a tradição oral. Os povos bantu são de tradição oral. Isso não os torna superior nem inferior a outros povos. Cada cultura cabe e tem valor para a comunidade que a pratica. É impossível não notar que a fala chegou muito antes da escrita, como deixamos que este sobrepor como o mais importante, ou seja, como a sociedade inverteu a situação de olharmos a escrita como a mais primordial em toda humanidade.

Até então, a sociedade enquadra a fala como uma simples via de se comunicar. Para Marcuschi (1996) a fala é um instrumento adquirido naturalmente e informalmente, diferente da escrita que exige todos os processos formais. A escrita, não se posiciona como fator formal, foi a sociedade que lhe colocou nessa posição, ou seja, a sociedade eurocêntrica faz valer a escrita no topo da

comunicação. Bá (2013) faz sentir como é a convivência diária entre a oralidade e a escrita. As duas são vistas numa convivência direta. Ou seja, a fala é presente dentro da escrita. Já vimos questões de interiorização da língua no seu aspecto oral.

Para Marcuschi (1996) fala vem antes da escrita. Cada língua no mundo, seu desenvolvimento começa pela oralidade, para que depois apareça o seu segundo desenvolvimento na escrita, e olha lá, a fala é pura, tanto que na escrita não conseguimos transformar a sua pureza e naturalidade. E não só, é na oralidade que conseguimos identificar as variações da língua no seu todo. Mas na escrita não, porque, existe exigência do acordo ortográfico, conseguimos perceber o quão são diferentes a fala e a escrita. Um estudo pertinente que consegue nos fazer entender que a fala tem suas próprias estratégias, aquela que consegue funcionar sem regras verbais, apenas seguindo os pormenores da língua em seu uso.

Para Marcuschi (1996), a língua escrita e a língua falada precisam estar de mãos dadas, mas tudo que se indica, é a valorização apenas da língua escrita. A oralidade é individual, isto é, se manifesta na individualidade porque cada pessoa tem a sua própria pronúncia, sua prosódia, sua entonação e pausas, o que faz com que ela seja uma impressão digital e única. A linguística forense se interessa pelas análises dessas características para identificar a autoria de certas falas.

### 3.1 A LÍNGUA FALADA E SUAS CARACTERÍSTICAS: A LÍNGUA EM MOVIMENTO

Uma língua, de acordo com Bagno (2022, p.22) é um conjunto de representações simbólicas do mundo físico e do mundo mental que (a) compartilhado pelos membros de uma dada comunidade humana como recurso comunicativo; (b) serve para a interação e integração sociocultural dos membros dessa comunidade; (c) se organiza fonomorfo sintaticamente segundo convenções firmadas ao longo da história da comunidade; (d) coevolui com os desenvolvimentos cognitivos e os desenvolvimentos culturais dessa comunidade... (e) se manifesta concretamente por meio de um repertório limitado de sons emitidos pelo aparelho fonador de cada indivíduo. (BAGNO, 2022, p.22). A fala é uma prática social que é produzida de uma forma informal e que é desenvolvida de forma natural e individualmente. A fala se trata de uma ação de desenvolvimento de uma língua no nosso dia-a-dia. A fala é uma ferramenta da comunicação que permite uma liberdade unilateral da pessoa no meio social.



Como muitos seja no meio de animais racionais, ou irracionais, todos aprenderam a se comunicar sem o ensinamento de que existem regras a serem seguidas durante o percurso da fala. A fala é individual e espontânea, e é aprendida no meio dos familiares ou amigos. Ou seja, num espaço não formal, assim como diz o autor, a oralidade também se refere a uma modalidade sub aspecto de forma linguística Marcuschi (1997).

A fala além de ser individual sem regras a serem seguidas, ele também permite uma certa liberdade no que diz respeito a suas opiniões, assim como suas interpretações própria dentro da língua. É importante repisamos nestas questões de como a fala por si só é um fenômeno natural, já que estamos a falar do funcionamento de língua no seu aspecto da escrita e da fala. É bom que saibamos diferenciar as duas, mas também existem outros aspetos que fazem diferença, mas que fazem com que confundamos os argumentos, se bem que não é o nosso foco agora. Estamos justamente a referir a oralidade e o letramento.

Os dois aspectos, nos dá a impressão de que estamos a tratar das mesmas coisas, uma vez que não. É só uma questão de facilitar uma compreensão entre esses fenômenos linguísticos. O letramento e a oralidade estão mais relacionados à prática social. Como diz Marcuschi e Dionísio (2007), Entre tanto a fala e a escrita já mencionados no início da discussão, são mais questões que diz respeito à organização linguística.

A fala é excelentemente produzida de acordo com a capacidade humana, embora ele não é tratado como fenômeno pertinente que possivelmente e conduz o pensamento escrito. A valorização da escrita e a desvalorização da fala é simplesmente um equívoco de pensamento humano Marcuschi e Dionísio (2007). Voltando ideia do Marcuschi (1996) a fala e a escrita não estão em competição.

Já reparamos que em torno da língua a fala não é aleatória. Na sociolinguística, as evidências são claras, tanto que, existem fenômenos condicionantes da fala. Diante de todas as questões dos estudos da linguística, todas as línguas exercem as mesmas funções em diferentes sociedades, isto é, não existem línguas melhores, e nem por isso, o fato dos falantes apresentarem diferentes formas de se comunicar podemos dizer que um é melhor que a outra. Contudo, podemos observar o que diz a escrita, também como elemento que direciona a sociedade em geral. Já é notório que a sociedade ainda se encontra presa dentro do aspecto escrito.

### 3.2 A LÍNGUA ESCRITA: A MODALIDADE DE LÍNGUA CONSERVADORA

Todos os povos do mundo, por mais que sejam isolados, possuem uma língua. Essa língua pode ser oral ou sinalizada, mas nem todas as línguas possuem uma escrita padrão. Para saber falar uma língua não é necessariamente saber escrever. O ser humano é capaz de aprender a estrutura gramatical da língua sem saber escrever, e isso é normal.

A escrita por si é artificial e não só como podemos considerar uma arte. A sociedade deu à escola a tarefa de ensinar a escrever. O grande problema, de acordo com Cagliari (2009, p.83) é que “a escola ensina a escrever sem ensinar o que é escrever”. A escrita é uma arte, exige o domínio da arte.

Por outro lado, a escrita é uma forma de dominação social enquanto privilégio de poucos e imposição para conseguir privilégios sociais, econômicos e políticos. Desta forma, “não basta saber escrever para escrever. É preciso ter uma motivação para isso. Grande parte da população das cidades trabalha em serviços que não exigem a escrita” (CAGLIARI, 2009, p.88). As sociedades ocidentais valorizam a escrita e dão um valor inestimável. Por essa razão os documentos oficiais devem ser escritos para ter valor. Os documentos legais só ganham valor se for escrito e assinado. Priorizam a leitura e a escrita.

Existem os estudos sobre questões educacionais, onde a escrita é um fator predominante. Seria melhor se todos tivessem o incentivo no que se refere a educação. Como aponta Marcuschi e Dionísio (2007) falamos mais do que escrevemos, o nível da importância da escrita varia de acordo com cada sociedade e a forma como é encarada a educação dentro daquela sociedade. Como nas escolas, nos outros edifícios institucionais, a própria forma como é tratada a escrita revela sua importância em cada meio social, diferentemente da fala. Marcuschi e Dionísio (2007).

Ainda sobre a escrita, vale reafirmar que as línguas não são complexas, independente de saber ler ou não, como mencionamos anteriormente a escrita é ensinada nas escolas, e alguns conseguem esse privilégio. Lembrando o poder da escrita perante a sociedade, isso dá mais ênfase e o privilégio das pessoas que obtenha, isto é, não negando também sua força para o desenvolvimento dentro da nossa sociedade. A sociedade vive de oralidade, ou seja, nós vivemos da fala

diariamente, para Marcuschi e Dionísio (2007), parece que começamos a descobrir que somos eminentemente orais.

Língua oral se dá seu uso mais comum no dia-a-dia. Além disso, a criança, o jovem ou o adulto já sabe falar com propriedade e eficiência comunicativa sua língua materna quando entra na escola, e sua fala influencia a escrita, sobretudo no período inicial da alfabetização, já que a fala tem modos próprios de organizar, desenvolver e manter as atividades discursivas. (MARCUSCHI, DIONISIO, 2007, p.15).

Devemos aceitar e respeitar o sistema de variação das línguas, enquanto não concordamos com as diversidades linguísticas, proibiremos que os falantes se sentissem livres e capazes de realizarem seus processos orais. A língua existe na coletividade sob a forma duma soma de modelos depositados em cada cérebro de um ser humano.

A fala é exclusivamente individual e natural, além de ser livre e espontânea nele não se encontra acordos, diferentemente da escrita que geralmente obedecer às normas postas dos acordos (acordo ortográfico) no seu todo. Sendo um patrimônio de cada sociedade, a escrita é um bem que pode transformar e organizar a sociedade no que diz respeito às políticas linguísticas. A escrita é legitimada pela política linguística.

Marcuschi e Dionísio (2007), rebatem sobre a grafia e o som, os dois representa justamente a fala e a escrita, ainda nos lembrou que a própria escrita obedece à variação ao longo dos tempos, isto é ainda com os estudiosos podemos trazer em questão as primeiras letras escritas e que sofreram suas transformações ao longo dos anos, mas essas questões não são apreciadas como umas meras situações que pode nos ajudar a enxergar e compreender mudanças e propósitos da linguística. Sendo que nesse estudo, só podemos dizer com certezas e sem muitos movimentos, é que a fala vem ao mundo antes da escrita. Já reparamos que, nem toda sociedade privilegia a escrita, como no caso dos primeiros povos e até nos é complexa. De acordo com Cagliari (s.d., p.17)

Todos os sistemas de escrita do mundo se reduzem a dois tipos: ou são do tipo ideográfico ou do tipo fonográfico. A linguagem tem dois aspectos inseparáveis, mas distintos: as ideias e os sons da fala. A escrita é uma forma de representar a linguagem oral. Ao fazer isso, a escrita pode representar graficamente uma ideia, criando um sistema ideográfico. Quando vemos um ícone, um logotipo, um pictograma, um número, um gráfico, começamos decifrando o significado e depois atribuímos os sons das palavras correspondentes. Por outro lado, um sistema de escrita pode

representar graficamente sons da linguagem oral e com eles compor sequências que formam palavras. O leitor vai juntando os sons até chegar ao fim da palavra. Nesse momento, identifica a palavra, como falante, e passa a ter acesso também ao significado associado àquela palavra. Todo sistema de escrita apresenta certo equilíbrio entre as informações de base ideográfica e fonográfica, embora uma delas seja o ponto de partida e a característica mais marcante do sistema.

A história antigamente era contada oralmente, em outras questões que são possivelmente o foco da língua, é aquela diversidade da língua em seu uso oral, em conversação com Marcuschi (1997) insiste em nos fazer perceber o quão importante é a fala perante um sistema privilegiável dentro da sociedade, já deixamos claro o foco da discussão, mas destacamos para que os nossos leitores comecem a dar importância a fala tanto quanto a escrita.

## 4 CAPÍTULO III: O QUE É UM TEXTO JORNALÍSTICO

O texto jornalístico exige muita flexibilidade prática e ética do jornalista, onde as ideias partidárias não deverão ser expressas quando se trata de fatos relacionados à ética de um profissional da imprensa. Um texto que exige a presença dos acontecimentos vivos para uma narrativa transparente, objetiva e clara.

Na verdade, quando se trata de um texto jornalístico todos nós apresentamos uma imagem do que seria e para o que seria de onde veio este tipo de texto, portanto, podemos dizer que existe vários tipos de textos, entre eles informativos

### 4.1 TEXTO JORNALÍSTICO

O texto jornalístico é um tipo de texto com vínculos relacionados às notícias da televisão, rádios, e também pode ser ligada a sites de notícias. Lima (2020). É um tipo de texto organizado na base das ideias obtidas pelas pessoas com informações precisas em um determinado momento. Ou seja, este texto incorpora uma organização de fatos ocorridos, tais como os acontecimentos diários de uma determinada sociedade.

Texto jornalístico é uma fonte primária de um historiador contemporâneo. Por ela ainda é na base de coletas de dados, ou seja, registros é que se consegue construir ideias, e não só como, somar os conhecimentos que posteriormente vem assegurando uma futura sociedade com informações registradas ao logo do tempo. (BORGHETTI, s.d). Ou seja, este texto permite um olhar expressivo para se comunicar como democratas e com opiniões fortes perante uma situação.

O jornal, é da base dos acontecimentos verídicos da sociedade. Este é uma das etapas primordial de uma editora de um texto com este gênero, onde o profissionalismo tem de ser mantido perante o uso das escritas para informações formais de uma instituição comunicativa e informativa.

### 4.2 COMO SE ESCREVE UM TEXTO JORNALÍSTICO

Um texto jornalístico exige uma característica única, que é, informativo, sendo assim, vamos apontar como é que se verifica, ou como é elaborada um texto de um caráter informativo.

Ainda para (Borghetti, s.d) texto deve conter clareza e objetividade, tanto que para autora o bom texto jornalístico não deve apresentar dúvidas para os seus leitores. Neste caso, é necessário lembrar que o funcionamento da comunicação não é visto da mesma maneira, no caso das notícias radiofônicas, ele apresenta outras dinâmicas exigido pelo seu funcionamento.

Voltando ao caráter de um texto jornalístico, segundo (BORGHETTI, s.d), para escrever um texto jornalístico, é necessário entender que é executar um recorte da realidade sem incorrer em imprecisões ou falta de equilíbrio. O mesmo deve ser elaborado de uma forma organizada com sentido exato. Ainda não deve apresentar um desconexo, isto é, no caso das notícias televisivas. Ou seja, deve haver uma coordenação entre a imagem e as expressões apresentadas durante um momento informativo.

Para a autora, faz sentido ter um texto com coesão. Além disso, existe um formato básico de um texto jornalístico, uma delas é o destaque do próprio texto, é a partir dele é que conseguimos obter vontade do público apreciador. Ou seja, é nele que prendemos vontade dos nossos ouvintes, é onde permite a flexibilidade jornalística, pois, nele resumimos a ideia central da matéria do dia. (BORGHETTI, s.d), devemos evitar que as questões pessoais não interferem nos textos deste caráter.

Para ela, os textos complexos não significam o domínio do vocabulário, e nem a simplicidade do texto vai tornar o seu texto pobre dos argumentos. O importante é saber tornar o difícil numa simplicidade geral da informação, este sim, é um dos desafios de um jornalista contemporâneo. É importante também lembrar que o domínio da língua é sempre importante na construção dos textos, e não só, saber que uma conotação da língua, o que a autora chamou de instrumento linguístico. São manobras que devemos obter enquanto agente da comunicação.

Entre várias exigências deste gênero textual, como dito anteriormente, as marcas da impessoalidade devem ser impedidas. Um repórter não pode contaminar os textos com suas percepções, até porque, tudo isso interfere na opinião dos nossos telespectadores, assim como a repetição das palavras por muitas vezes, apresenta a pobreza vocabular dos nossos textos. O interessante, seria usar os sinônimos das palavras pretendidas. (LIMA, 2020)

Aqui diferenciamos uma notícia televisiva, e uma notícia radiofônica, pois bem, ambas com a mesma forma e os objetivos parecidos de informar a sociedade,

mais que apresentam uma diferença ligeira nos seus funcionamentos. (BORGHETTI s.d), o que lhes faz comum, é o meio como um espaço informativo. Ou seja, um espaço onde as informações são desenvolvidas.

Um texto televisivo, parece o mais trabalhoso devido sua dinâmica comunicativa. E não só, com faz uma dupla dinâmica na sua forma de emitir e transmitir as informações. Estamos falando da linguagem visual e oral. A primeira dinâmica é o uso oral da matéria, ainda passa pelo um processo escrito que também exige dinâmicas e o domínio da própria escrita. Essa vem juntamente com uma parte das diferentes falas, uma delas são caso dos repórteres e dos entrevistados do jornal. E a outra parte visual, que seria das imagens que frequentemente são usadas nas notícias deste suporte, a imagem é uma das partes que complementa apresentações feitas pelos agentes.

A imagem também serve de uma justificativa, ou em outras palavras de comprovação dos assuntos relacionados à matéria do dia. Não é necessário que uma imagem seja redundante de forma tão óbvio, ela apenas precisa estar em reportagem apresentando uma outra importância ainda não destacada pela imprensa. (LIMA, 2020).

Quanto aos textos radiofônicos, eles apresentam uma dinâmica em um único sentido, porque, apenas apresentam uma estrutura aparentemente diferente com relação as duas dinâmicas apontadas na TV. Por ter uma forma de emitir informações, exigindo também dinamismo jornalístico. Entre elas, a espontaneidade e a agilidade dos apresentadores. Diferente dos textos da televisão, não precisa de um acompanhamento visual como imagem, este apenas precisa de pessoa com a maior facilidade na comunicação clara como qualquer texto informativo.

A maior dinâmica de um narrador de rádio, precisa manter as entonações de forma viva para que os seus ouvintes não apresentem o desconforto ao ouvi-lo, sabendo que não tem um cenário que proporciona visibilidade dos fatos a serem narrados, este exige mais informações na sua total clareza. A rapidez em ler as notícias, a falta de presença da voz, e falta de esclarecimento do que está sendo apresentada, tudo isso faz com que os ouvintes tenham um desinteresse em permanecer perante sua informação (LIMA, 2020).

Lembrando que notícia é um tipo de gênero textual único com caráter informativo, ou seja, é um texto que serve para informar a sociedade. Então, o nosso objetivo não deve infringir as regras postas pelos textos. Além disso, é importante

dizer que as informações devem ser uma que condiz com os fatos reais e não forjadas. Muitas pessoas confundem as informalidades das notícias que partem de uma forma individual e não verídica para se denominarem como notícia jornalística. Neste trabalho, estamos tratando de notícias como fatos e a ética dos profissionais das imprensas.

Existem formas como é orientada as apresentações de jornais, sabendo que deparamos com as diversidades linguísticas em formas de apresentações das notícias, cada jornal é apresentado baseado no seu público local. É primordial apresentar que as notícias sofrem mudanças, isto é, a interpretação individual dos seus ouvintes, e essas interpretações dependem como é apresentado os blocos noticiosos.

#### 4.3 ESTRUTURA DA NOTÍCIA

A notícia tem suas próprias características, uma delas são os instrumentos de como é usada para passar informações ao público. Primeiramente um dos mais primordial é a língua usada, lembrando que cada jornal é escrito de acordo com o seu público, nesta condição que é fundamental a língua da comunicação de cada região ou estado, assim como país. Isto é, estamos a tratar das notícias contemporâneas, onde as pessoas passam seus tempos informados em diferentes plataformas de comunicação. (ELISA, 2020)

E seguiremos para um desenvolvimento da estrutura da notícia. Um texto desse gênero é composto por: manchete, subtítulo e o corpo completo do texto. Onde é apresentada toda as composições das informações, e também onde são detalhadas as informações dos mesmos. (ELISA, 2020) mas antes disso, é necessário dizer o porquê da manchete, no texto jornalístico, é colocada para uma forma de fazer com que o leitor se prenda a notícia. Além de ser usada como um destaque, ainda precisa ser ressaltada com diferença de letras com relação ao resto do texto.

No caso do subtítulo ele também carrega informações ainda não declaradas pelo título da notícia, para professora, todos esses requisitos são fundamentais para que possamos ter um corpo da notícia com uma estrutura adequada.



Também temos a lide, que significa o primeiro parágrafo do desenvolvimento do texto. É nele que conseguimos responder às dúvidas dos nossos leitores. Como esses: o que, porque, onde, quando, com quem e como. Com isso, a notícia apresenta uma clareza e sentido. Elisa (2020) e Lima (2020) trataram sobre a importância de uma lide num texto jornalístico informativo.

Ainda precisamos lembrar que um texto notícia precisa apresentar as devidas normas e regras da escrita. Como usar as reticências nas falas dos entrevistados, e não apenas, também como caracterizar palavras uma vez que as falas não são nossas, necessitamos que as mesmas estejam em aspas. Na estrutura, é importante que não falte: **Pauta; Apuração; Redação; Edição.**

Segundo Lima (2020) são peças fundamentais para a composição de um corpo e a estrutura do texto jornalístico. Importante que um texto informativo não permite situações forjada. É relevante conter todos esses nomes acima mencionados, pois, todos eles são de extrema importância para desenvolvimento textual, fatos da própria notícia que possivelmente vai ao ar e a observação da veracidade das informações.

Com todas as informações vistas até então, é pertinente uma atenção com que chamamos de notícia, e sua estrutura. Porque, os fatos devem e precisam ser verídicos para as pessoas que se alimentam de informações verdadeiras, e não só como também para os que fomentam Fake News. Já é explícito que as informações são definidas antes de chegar ao seu público. Ainda vale dizer, existe alguns veículos que se diz de comunicação e que apresentam informações não verídicas. E isso vem afetando a nossa sociedade de uma forma negativa.

## 5 CAPITULO IV: ASPECTOS LÉXICO-SEMÂNTICO DE UMA LÍNGUA

O capítulo vamos abordar sobre o léxico, a semântico e os estrangeirismos linguísticos. Portanto, é necessário que conheçamos como funcionam, ou como acontece suas participações nos processos linguísticos. Porque, o léxico como a semântica assim como os empréstimos, são fenômenos que participam na composição e de uma estrutura da língua em ação.

Mas quando se trata de léxico, logo supomos que isso varia de língua para língua, lembrando que as línguas, isto é, as sonoridades linguísticas não são iguais, o português tanto quanto o (guineense) assim como uma outra língua bantu da GB não possui as mesmas palavras e nem mesmo as mesmas pronúncias, neste contexto, podemos dizer que as línguas não são iguais, devido suas próprias características. "A informação veiculada pela mensagem faz-se, sobretudo, por meio do léxico das palavras lexicais que integram os enunciados" (BIDERMAN, 1996, p.17).

Também é necessário que tenhamos a noção das palavras em detrimento do seu uso, é óbvio que neste momento estamos referindo os vocabulários. A influência e as gírias que uma comunidade jovem expressa, não é a mesma com que os adultos velhos se comunicam, e nem tão pouco as crianças. Porém, trouxe essas reflexões para darmos a facilidade de contextualizar o sistema linguística comunicativa lexical.

### 5.1 O LÉXICO DE UMA LÍNGUA

Iniciamos os debates defendendo que as palavras são fundamentais para a formação de frases e de discursos. Precisamos delas para explicar significados, para especificar ideias próprias da cultura e das tradições interpretáveis por um grupo social. Nas palavras se escondem sentidos socioculturais próprias de uma comunidade de fala. Por exemplo, a "toca-toca" não é uma palavra comum entre portugueses nem brasileiros, mas conhecida entre guineenses.

As palavras aparecem e desaparecem, mudam de sentido e ganham novos significados. Trata-se de uma dinâmica que as línguas naturais percorrem. É com elas que se descobre a origem das pessoas por isso elas carregam marcas de identidade. Por exemplo, se um falante de português fala *abacaxi* (ananás),

provavelmente é brasileiro, se a pessoa fala *machimbombo* (ônibus/autocarro) provavelmente é moçambicano e se usa a palavra *tabanka* (aldeia) provavelmente é guineense.

Uma das coisas mais interessantes que uma palavra carrega é o seu traço da sua origem. Muitas palavras do português vieram do latim, do grego, do árabe dentre outras línguas de onde os primeiros portugueses tiveram o contato. A etimologia tem como objetivo estudar o verdadeiro sentido das palavras, mediante o conhecimento de sua origem de sua estrutura mórfica e de suas transformações ou mudanças. Seu estudo transcende e de seu significado da raiz das palavras, compreendendo todos os elementos que as compõem (MARTINS, 2006, p.36).

Os estudos de Nauege (2017) apontam que o léxico é o mais notável nos processos de empréstimos e estrangeirismos “fruto de contactos entre o português e as línguas de Angola (bantu e outras) houve um grande empréstimo de palavras de línguas nativas de Angola para o português. Sublinhe-se que dada a sua plasticidade, o nível lexical em termos de interferência tem sido o mais permeável por ser um campo aberto, mutável e infinito.” (NAUEGE, 2017, p. 26). O autor dá exemplos de unidades lexicais que vieram da língua kimbundu para o português angolano: Mbombo “mandioca fermentada”- bombo”; Jinguba “ameindoim”-ginguba; Maka “assuntos, temas, problemas”-maka; Funji “prato tradicional”- funge; Kizaka “esparregado”- quisaca Makulu “hemorroidas”- maculo Mufete “prato tradicional”- mufete Língua Umbundu Olombi “prato tradicional”- lombi Ocisangwa “bebida tradicional”-quiçângua Língua iwoyo variante de kikongo; Maambu “temas, problemas, questões”- mambo); Mwamba “molho de polpa de dendém”- muamba (NAUEGE, 2017, p.26-27).

Por meio da palavra pode-se rastrear a sua origem. No português brasileiro, a palavra *caçula*, *cochilar*, *mandinga*, *molambo*, *mixiba*, *muxoxo*, *quitanda*, *senzala*, *xingar* são notadamente palavras de origem de línguas africanas. Alkmim e Petter (2008) apontam que a língua portuguesa falada no Brasil recebeu influências dos escravizados que vieram pelo processo histórico e contribuíram na formação da variedade. Desta maneira,

O léxico de uma língua é, pois, uma entidade abstrata que se obtém por acumulação: às palavras em uso por cada falante, no seio de uma dada comunidade de falantes, juntam-se as palavras em uso por outras comunidades linguísticas falantes da mesma língua; às palavras em uso na contemporaneidade, somam-se as que estiveram em uso em sincronias

passadas, de que temos notícia pela documentação escrita e que, por vezes, ressurgem; aos dados da escrita, unem-se os da oralidade, quando é possível apreendê-la, dada a muito maior fluidez da oralidade face à escrita. (VILLALVA, SILVESTRE, 2014, p.23).

As palavras são importantes porque isoladamente têm um significado e quando inseridos numa frase podem ganhar outros significados. Basílio (1987, s. p) considera que

Léxico é um depósito de signos, uma lista de entradas lexicais, além de um conjunto de regras que definem a classe das palavras possíveis na língua, então é teoricamente possível (e ocorrente na prática) a situação em que encontramos na lista uma construção que não é prevista como possível no componente de regras. Por exemplo, embora a palavra limpeza seja a forma nominalizada do verbo limpar, podemos afirmar que é impossível o acréscimo do sufixo **-eza** a verbos para formar substantivos

Todas as línguas submetem as novas experiências, cada uma delas com os seus significados. Biderman (1996). Ainda sobre o léxico, nenhum falante apresenta o domínio lexical de uma língua na sua totalidade, vale dizer que as línguas exercem uma importância enorme, onde permite entrada e saída de diversas variações linguísticas. É importante dizer que na oralidade as palavras partem da individualidade, e as línguas seguem um fluxo lexical único para uma comunicação. E ele não se encontra apenas no português, francês e o inglês. Também é observada nas línguas bantu, ou seja, línguas de origem africanas. Ainda existe pessoas que acham que têm o domínio do léxico do português de Portugal, mas não é verdade porque existe muitas outras unidades lexicais desconhecidas e que ocorrem em outras variedades. Ninguém consegue ter o domínio total do léxico da língua em suas variedades. O léxico, além de ser um conjunto de palavras é patrimônio de cada falante (BASÍLIO, 1987).

Há que diferenciar o léxico do vocabulário. O primeiro é “o conjunto virtual de todas as palavras de uma língua, isto é, o conjunto de todas as palavras da língua, as neológicas e as que caíram em desuso, as testadas e aquelas que são possíveis tendo em conta os processos de construção de palavras disponíveis na língua” (CORREIA, ALMEIDA, 2012, p.15), enquanto que o vocabulário é o “conjunto factual de todos os vocábulos atestados num determinado registro linguístico, isto é, o conjunto fechado de todas as palavras que ocorrem de fato nesse discurso” (CORREIA, ALMEIDA, 2012, p.15).

## 5.2 OS ESTRANGEIRISMOS/EMPRÉSTIMOS LINGUÍSTICOS COMO PROCESSOS NEOLÓGICOS

Os estrangeirismos são muito frequente em todas as línguas. Não existe nenhuma língua que se isenta de estrangeirismos enquanto seus falantes membros ativos. Pois nos últimos anos ganhou espaço de debate para os pesquisadores, é nesse sentido que achamos por bem tentar entender e enquadrar no seu estudo. Ainda com espaços em aberto na nossa pesquisa procuramos o que de fato faz com que ele é visto quase em todas as línguas em funcionamento ou movimento.

As línguas estão em constante evolução, ganham características novas, vão evoluindo permitindo com que haja mudanças tanto pela sua forma oral assim como sua forma escrita. No entanto, não podemos ter controle de uma língua no seu contexto de uso oral, lembrando que os empréstimos se manifestam mais no âmbito de uma língua em movimento, ou seja, às questões culturais, sócio econômico e político. (TIMBANE, 2012).

O multilinguismo é normal em muitos países do mundo, mas isso não significa que uma língua seja superiores as outras. A desvalorização de uma língua para outra, pode ser vista de uma forma estrutural de um país, ou de uma forma individual de cada falante dessa língua. Isto é, sobretudo quando se trata de uma língua europeia, onde a maioria das pessoas acham que as línguas africanas são dialetos, esse é o caso do (guineense) e das outras línguas étnicas da Guiné-Bissau. Timbane (2012) embora, não vamos aprofundar muito sobre, pois, o nosso foco neste capítulo, é dedicar no gênero estrangeirismo linguísticos e como eles se manifestam dentro de uma língua no qual costumam ser enquadradas.

O empréstimo é um processo de inovação lexical, que pode representar um significado também novo, ou simplesmente constituir uma variante lexical, adequada a determinados registros. Os empréstimos lexicais são palavras trazidas para o léxico de uma língua de chegada a partir do léxico de uma língua de partida, tratando-se de um efeito frequente das situações de contato linguístico. (VILLALVA, SILVESTRE, 2014, p.36).

Os autores citam os empréstimos: *behaviorismo*, *uísque*, *dossiê*, *big-bang*, *best-seller*, *bluff*, *brainstorming* para ilustrar como a língua inglesa e francesa contribuem para a criatividade lexical. Os neologismos aparecem porque “a cultura e o meio ambiente estão em constante transformação, como consequência,

assiste-se a uma maquinização e robotização através da informação que não está confinada a elites, mas sim está à disposição de todos, cabendo aos professores de línguas, por meio de programas de ensino, refletirem sobre esta guinada”. (NAUEGE, 2022, p.253). Se as pessoas se movimentam, se surgem novos referentes, é normal que apareçam novas unidades lexicais. Em determinadas áreas do saber, surgem neologismos especializados para atender essa demanda. Naeuge (2022, p.253) explica que a “língua de especialidade ajuda a ter um denominador comum, possibilitando em vários domínios da ciência, da técnica, profissional, das tecnologias, a não aparição de ambiguidades. ”

Para Garcez e Zilles (2001) as palavras sofrem alterações o tempo todo, de forma natural, aparecendo e reaparecendo outras de línguas estrangeiras, tudo isso graças ao desenvolvimento das línguas faladas frequentemente. É a dinâmica da sociedade que ativa a criatividade linguística que culmina com o surgimento de processos neológicos.

Hoje, as palavras se cruzam e formam um significado, mesmo não sendo da mesma língua e nem da mesma origem. Sobretudo, entre o inglês e o português, assim como para falantes do crioulo guineense com o português guineense. Por exemplo, amanhã estarei na tabanca. Observem uma palavra de origem africana na frase. Para os que não falam o guineense, podem questionar, mas como é possível uma língua africana se encontrar dentro uma frase feita em língua europeia. Lembrando que a Guiné-Bissau foi o palco da colônia portuguesa, mesmo com várias línguas do território nacional, ainda deixaram o português como uma única língua oficial.

É possível observar a língua guineense dentro do português guineense, os pontos são fatos pela simples observação de que a maioria da população fala o guineense, essa discussão ainda será um assunto para o debate em outras oportunidades. Voltando ao estrangeirismo, nos deparamos com imenso ato do tal estrangeirismo no mundo acadêmico, entre outros. Não era notório afirmar que fluentemente as palavras estrangeiras usadas no meio de uma comunicação de uma língua diferente era o que se diz estrangeirismo, as pessoas encaravam esse sistema como uma liberdade de fala, que a língua ela é uma mistura de ideias, como notou Timbane (2012) que o estrangeirismo é o emprego vista na língua.

Como no caso dos textos jornalísticos guineenses, são produzidos em língua portuguesa, com algumas palavras de origem inglesa. Sendo assim, as plataformas

de encontros virtuais, que possui nomes como o **Google meet**, as palavras como **sites, like, cyber, shopping, DVD, CD** e muitas outras palavras que se enquadram no cotidiano de um falante da língua portuguesa, de igual modo que alguns desses requisitos também se encontra e é vista na linguagem corrente de um falante do guineense para o português guineense. Ainda é necessário que conheçamos o que é estrangeirismos. De acordo com Timbane e Nhampoca (2017, p.132),

Uma vez que as línguas têm uma necessidade permanente de nomear e/ou designar novas realidades, elas irão, não poucas vezes, servir-se da criação neológica; a neologia é, portanto, uma das mais ricas e indispensáveis subáreas de uma das áreas da Linguística, a Lexicologia. O termo neologia apareceu em 1759 e significava a introdução ou o emprego de palavras novas úteis a uma língua a fim de a enriquecer.

Os autores argumentam que a neologia de língua está ligada à consciência coletiva de uma dada comunidade linguística, enquanto a neologia terminológica visa responder a necessidades precisas: novos conceitos, novos objetivos e está ligada a grupos de especialistas e a mecanismos de normalização. (TIMBANE E NHAMPOCA, 2017).

### 5.3 OS ESTRANGEIRISMOS E OS EMPRÉSTIMOS LEXICAIS NA LÍNGUA

Zilles (2001) o estrangeirismo é a palavra de uma língua, mas que é usada para uma outra língua, isto é, sem mudar os significados e nem suas características gráficas. Mesmo sofrendo alterações na sua forma gráfica, como ressalta Timbane (2012) estrangeirismo é nada mais e nada menos do que uma palavra da língua “A” que é usada na língua “B” em que pelo menos uma das suas características de origem e significados não foram desvirtuadas, nomeadamente a nível fonológico, a nível semântico e a nível ortográfico. Como por exemplo: “Patchar: evocar espírito dos antepassados (provém de xichangana, ku patcha) Tchovar: empurrar (provém de xichangana ku tchova) bula-bular: conversar (provém de xichangana; ku bula) guadjissar: roubar, furtar (provém de xichangana; ku guadjissa) timbileiro: aquele que toca timbila (provém de xichangana; **mbila** é instrumento musical: xilofone (plural timbila) ” (TIMBANE, 2012, p.293).

No entanto, a forma como são obtidas as palavras e como ele deve ser colocada dependerá muito de como uma palavra estrangeira vai se manifestar perante o seu uso final na língua em que ela é colocada.

Como vimos no exemplo de uma língua em Moçambique, os estrangeirismos partem de várias línguas africanas para o português para o caso da Guiné-Bissau, um país com o privilégio de ter muitas línguas em seu território. Os estrangeirismos acontecem de uma maneira natural, sobretudo de línguas locais para o português, esse é o caso dos guineenses, que têm o português como oficial, mais ainda é exercida pela minoria da população local. (TIMBANE, 2012) apresenta ideia de que algumas línguas africanas ainda não são oficiais. Essas línguas precisam ser estudadas e ensinadas nas escolas para que os alunos tenham o direito de as usar uma vez que são línguas maternas e constituem a identidade cultural.

Segundo, Deize, Pinto e Roza (2016) o estrangeirismo na medida em que ele entra para se familiarizar com outras palavras, ela não muda sua forma inicial. Para os autores acima mencionados neste parágrafo, chamaram esse conceito de "proveniência" o termo explica a ideia de que o estrangeirismo é improvisado na língua, ou seja, "entendo por empréstimos, palavras que já foram estrangeirismos e que ao longo do tempo se solidificaram na língua e sofreram transformações a nível fonético ou ortográfico" (TIMBANE, 2012, p, 293).

Por estas e outras razões, mencionamos que não podemos ter o controle das línguas perante a sociedade que as falam, os motivos são várias vezes observados, com isso, os estudiosos empenham em fazer os estudos que comprovam as transformações da sociedade juntamente com suas línguas em processos orais.

Segundo Freitas, Ramilo e Soalheiro (2005, p.37), estrangeirismos "são palavras provenientes de línguas estrangeiras que não estão integradas no léxico do português, sendo empregues na nossa língua". Segundo os mesmos autores, empréstimo é usado para designar não só as palavras estrangeiras, mas também o processo de passagem de uma língua para a outra (TIMBANE, 2012, p.7).

O dicionário Houaiss (2009) define o estrangeirismo como uma "palavra ou expressão estrangeira usada num texto em vernáculo, tomada como tal e não incorporada ao léxico da língua receptora; peregrinismo, xenismo" (HOUAISS; VILLAR, 2009, p.839). Exemplos:

*fast-food* (do inglês)

*outdoor* (do inglês)

*lingerie* (do francês)

*personal trainer* (do inglês)



<i>marketing</i> (do inglês)	<i>office-boy</i> (do inglês)
<i>pedigree</i> (do inglês)	<i>laptop</i> (do inglês)
<i>réveillon</i> (do francês)	<i>feedback</i> (do inglês)
<i>shopping</i> (do inglês)	<i>e-mail</i> (do inglês)
<i>show</i> (do inglês)	<i>pendrive</i> (do inglês)
<i>videogame</i> (do inglês).	<i>hot dog</i> (do inglês)

Já os empréstimos são palavras que já foram estrangeirismos e que ao longo do tempo se solidificaram na língua e sofreram transformações a nível fonético ou ortográfico. Ao nosso ver, seriam aquelas palavras que por tanta necessidade de serem usadas por falantes de uma determinada língua, assimilaram a estrutura da língua de chegada (TIMBANE, 2012). Vejamos exemplos:

abajur (do francês <i>abat-jour</i> )	futebol (do inglês <i>football</i> )
quitanda (do kimbundu <i>kitanda</i> )	dendê (do kimbundu, <i>ndende</i> )
batom (do francês <i>bâton</i> )	nocaute (do inglês <i>knockout</i> )
buquê (do francês <i>bouquet</i> );	deletar (do inglês, <i>to delete</i> )
estresse (do inglês <i>stress</i> );	fulano (do árabe, <i>fulân</i> )
futebol (do inglês <i>football</i> );	azulejo (do árabe, <i>al-zuleij</i> )
piquenique (do inglês <i>picnic</i> );	alface (do árabe, <i>al-khaç</i> )
turnê (do francês <i>tournée</i> )	xarope (do árabe <i>xarab</i> )
uísque (do inglês <i>whisky</i> ).	caçula (do kimbundu <i>kazuli</i> )

De acordo com Timbane (2013), os empréstimos/estrangeirismos se dividem em dois tipos: (a) necessários quando não têm equivalência na língua alvo;(b) de luxo ou de prestígio quando “a palavra equivalente existe na língua portuguesa, mas os falantes preferem “aquela estrangeira” porque é mais bonito, tem mais estilo, é mais chique, para identificação cultural” (TIMBANE, 2013, p. 163).

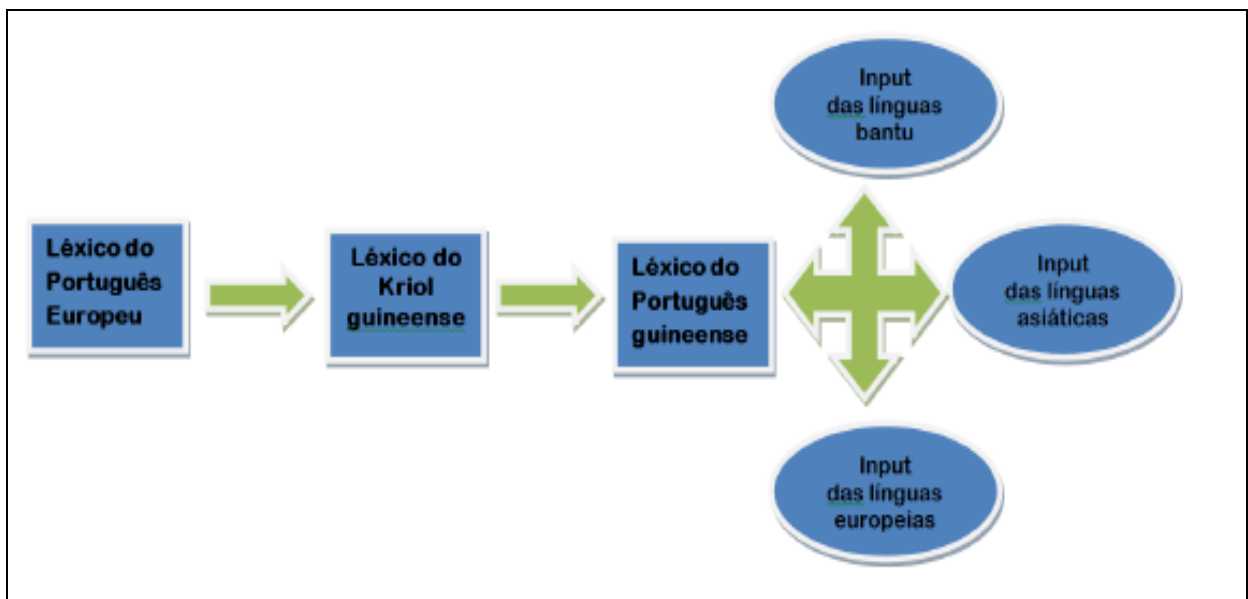
Empréstimos linguísticos são um processo linguístico que ocorre através dos contatos de línguas diferentes (CORREIA, 2010, s.p). Os empréstimos linguísticos promovem diversidade na língua.

A identificação do léxico de uma língua depende do entendimento que se tiver de língua, ou de dialeto (se a questão for deslocada para esse domínio), o que, como vimos, depende mais de critérios ideológicos do que razões linguísticas. Assim, a descrição do léxico de uma língua pode cobrir realidades bastante diferentes, incluindo ou excluindo a oralidade, registros

discursivos mais ou menos prestigiados, ou diferentes delimitações temporais (VILLALVA, SILVESTRE, 2014, p.22).

De acordo com Marçalo e Naeuege (2018, p.234), o léxico é o conjunto das palavras fundamentais, das palavras ideais de uma língua, enquanto que o vocabulário “é o conjunto dos vocábulos realmente existentes num determinado lugar e num determinado tempo, tempo e lugar ocupados por uma comunidade linguística”.

De acordo com Santana e Timbane (2022), o léxico do português europeu alimentou o léxico do guineense. O léxico do guineense, por sua vez, alimentou a variedade guineense do português. É importante ressaltar que o português guineense recebeu influências de outras línguas de origem asiática (o árabe), europeias (inglês, francês), línguas bantu (manjaco, papel, etc.). O esquema de Santana e Timbane (2022) ilustra esses argumentos teóricos, que passamos a mostrar a seguir:



Fonte: Santana e Timbane (2022, p.141)

No estudo de Santana e Timbane (2022) apresenta-se a variação lexicial na obra da escritora guineense Odete Semedo. Há na obra estrangeirismos e empréstimos provenientes das línguas bantu e do guineense. O Quadro 1 mostra esses exemplos:

Quadro 1: Palavras específicas do português guineense

Termo	Significado
<i>candongá</i>	pequeno veículo de transporte popular interurbano
<i>poilão</i>	árvore típica, grandiosa
<i>tabanca</i>	agupamento típico de casas africanas, nos arrabaldes das cidades e na zona rural
<i>lala</i>	espaço plano, rodeado de mato, onde se pode plantar arroz
<i>chebéu</i>	dendê, ou a pasta extraída da polpa do dendê
<i>bajuda</i>	moça, rapariga
<i>jugudé</i>	tipo de abutre
<i>irã</i>	espíritos que podem ser protetores ou maléficos
<i>bolanha</i>	arrozal
<i>baloba</i>	local sagrado dos animistas, templo
<i>choro</i>	choro, mas também velório, cerimónias à volta do enterro.
<i>mandjúa</i>	pessoa da mesma geração, muitas vezes que cresceu junto com alguém
<i>mandjuandade</i>	grupo de mandjuas
<i>mantenhas</i>	cumprimentos, saudações
<i>mofineza</i>	desventura, azar
<i>mouro</i>	curandeiro, feiticeiro muçulmano
<i>djambacosse</i>	curandeiro, feiticeiro animista
<i>codé</i>	filho(a) mais novo(a)

Fonte: Adaptado de Couto e Embaló (2010, p. 53-54)

Como se pode depreender, o léxico não tem carácter finito e imutável. Isso significa que pode obter novos significados, pode reduzir a frequência de usos assim como se socorrer em outras línguas. Por isso que Maçalo e Naege (2018, p.232), argumenta que o léxico não tem carácter finito e imutável, talvez, estas peculiaridades contribuam para a sua complexidade no que concerne à sua delimitação e abordagem linguística, uma vez que, dia após dia surgem novas palavras através dos vários processos de que a língua dispõe para a sua renovação e o seu enriquecimento. As unidades lexicais da primeira coluna são próprias da GB e fazem parte da variedade guineense de português.

#### 5.4 SEMÂNTICA: O SIGNIFICADO DAS UNIDADES LEXICAIS

A semântica tem uma grande importância dentro um estudo linguístico, o seu papel é fundamental no que diz respeito as palavras em um determinado momento

na língua. É pertinente chegar a uma conclusão, por isso trouxemos. Deize, Pinto e Roza (2016) em vários momentos da nossa discussão.

**Semântica** é um dos ramos da linguística que estuda o contexto e o significado das palavras. Segundo Deize, Pinto e Roza (2016), a semântica ainda procura estudar o sentido das palavras numa perspectiva histórica e mecanicista. Por exemplo: a palavra, **rapariga** na Guiné-Bissau significa **moça** ou **menina**, mas no Brasil significa pessoa com vida "diferente" que a sociedade não aprova; como também a palavra **bicha** na GB significa **fila**, enquanto que no Brasil animal do sexo feminino; **malagueta** na GB no Brasil significa **pimenta**; enquanto que **pimenta** na GB significa **pimentão**.

Diante dessas variações linguísticas observemos que os seus valores semânticos não mudam, o que muda é apenas suas grafias. Mas é primordial e relevante sabermos que, a própria palavra semântica ela estabelece uma relação de sentido entre palavras de diferentes línguas. Noslen (2017) fez questão de nos salientar que, isso não impediu de jeito algum para que se estabeleçam os estudos relativamente ao mesmo. Mas antes precisamos situar aos nossos leitores o que seria uma semântica lexical e cognitiva, pois entre muitos trouxemos o mesmo apenas para enquadrar e demonstrar as divisões das partes que formam os estudos da semântica.

De acordo com Deize, Pinto e Roza (2016) semântica cognitiva, é destinada ao pensamento de um ser humano de uma forma simples, e de como ela percebe algo relacionado ao mundo. Enquanto que, o lexical, se mantenha a estudar as relações de uma forma individual dos dois itens, isto é, os mesmos que compõem o seu nome, no caso, itens lexicais semânticos. Como vimos anteriormente, não podemos falar do estrangeirismo sem os empréstimos linguísticos, é nessa mesma ótica que não se pode falar da semântica e deixar o léxico.

Os significados das palavras dependem em grande parte da compreensão do mundo. De acordo com Nhampoca (2018, p.168) "o significado de uma unidade lexical não se restringe apenas aos traços semânticos [...] Isto é, significa que os falantes constroem o significado do lexema não se baseando apenas na linguagem, na atribuição do seu significado, se dá uma interação entre a linguagem e vários outros modelos cognitivos, culturais, entre outros". Desta forma, a cultura entra em jogo para a determinação do significado. Por exemplo:

Ex.1: **Siga:** é uma comida muito semelhante à quiabada. A palavra parece ser comum em português, mas ela é do contexto da variedade guineense de português. Os guineenses conhecem esta palavra por fazer parte da sua realidade.

Ex.2: **Papaia:** é uma fruta cientificamente conhecida como *Carica papaya* que no Brasil é vulgarmente como mamão. No Brasil, a **mamão** é conhecida como **papaia**. Este último nome é desconhecido pelos brasileiros.

Estes dois exemplos ilustram como a semântica precisa do elemento cultural para que faça sentido. Nenhum significado se desliga da comunidade linguística. Isso faz com que a palavra seja própria daquela comunidade. Algumas palavras são próprias das variedades. Por exemplo, a variedade brasileira do português tem unidades lexicais que não ocorrem no português guineense.

## 6 CAPITULO V: METODOLOGIA E ANÁLISES DE DADOS

Neste capítulo abordamos os caminhos percorridos da nossa pesquisa. A Guiné-Bissau é um país multilíngues, que possui instituições de comunicações informativos como: rádios e televisão. Entretanto, analisamos a única TV pública que o país tem até então, e ainda analisamos a Rádio Difusão Nacional, assim como o rádio Pindjiguite. Analisamos as notícias nacionais, internacionais e os desportos. Escolhemos a televisão nacional, pois é um dos meios que os guineenses conseguem informações, e notícias locais, a maioria das populações guineenses, seja na capital, assim como no interior do país nos dias de hoje. É importante salientar que nas regiões mais perto da grande capital tem energias elétricas, assim como os painéis solar, felizmente energia é vista com muita frequência em relação aos anos anteriores, por exemplo, 200 e 2005 hoje as idosas os idosos usam seus tempos para assistir os telejornais, mas não com muita frequência.

Os rádios passam suas notícias entre cinco horas da manhã, até às dez horas da noite. Isso dando intervalos de tempos. Escolhemos também a rádio Difusão nacional, como uma das mais antigas no país. O foco não é apenas por ser a mais antiga das instituições, mas sim por ser de fácil acesso para a população que vive fora e dentro do país. Escolhemos rádio Galáxia de Pinjiquite, por ser um dos mais recentes e primeira privada do país que também é uma das preferências dos guineenses.

A pesquisa foi realizada da seguinte maneira: a) gravamos as notícias dos dois rádios. b) transcrevemos apenas falas de interferência do guineense dentro do português. Fizemos reprodução dos áudios gravados para escutar onde e quando aparece as interferências léxico semântico do guineense no português da Guiné-Bissau. Deixamos claro de que, as gravações foram feitas com ajuda dos profissionais das instituições. Foi um estudo de campo, onde selecionamos um colaborador para coletar as gravações das notícias nacionais e internacionais.

### 6.1 RÁDIO DIFUSÃO NACIONAL DA GUINÉ-BISSAU

É uma das instituições escolhida para a nossa. Porém, a atual rádio Difusão Nacional da Guiné-Bissau, foi fundada em 10 de setembro de 1974. Sofreu várias

alterações ao longo do seu serviço, está situada em Bissau o capital guineense, mas com sua base central em Nhacra, um dos sectores do país.

Além da sua base instalada durante muito tempo durante época colonial, também suas outras filiações são espalhadas em diferentes partes do país. Com em: Gabú e Cátio, com sistema de funcionamento feita na base do português como língua de trabalho. Mesmo assim, a RDN também apresenta notícias em guineense sendo com menor fluxo, e às vezes são repetições das noticiais produzidas e apresentadas em português.

A emissora não é uma plataforma privada, pertence a estado da Guiné-Bissau. Em abril de 1944 esta Rádio iniciou seus trabalhos que não tinha nada a ver com programações do território guineense, apenas programações feitas em Portugal, entretanto, este trajeto aconteceu alguns anos diante do povo colonizador. Uma das mudanças vem acontecendo no ano de 1966, isso dando início a uma revolta no sentido de programações deixarem de ser gravadas no país estrangeiro, e passaram a ser apresentadas atividades locais. Assim surgiu sua primeira programação local, até hoje, um dos programas de audiência em toda república guineense, passar os ritmos musicais locais e entre outros assuntos que chamam atenção no país.

Depois da guerra da independência, a rádio se libertou mais uma vez dos portugueses. Porém, passou a ser também dos guineenses, mesmo com sua localização no território guineense, ainda não estava sob seus domínios, assim como, alterações do seu nome, mesmo assim a rádio não foi de total controle nas mãos dos colonialistas, tanto que houve mais outra intervenção sobre a liberdade da rádio passar apenas metade das informações do país, isso é como se fosse um acordo que não foi aceite e passou a ser oficialmente emissora oficial da República da Guiné Portuguesa.

Percebe que até aqui a emissora não estava livre das colônias portuguesa, porém, ainda existem os pequenos traços dos povos colonizadores, uma delas é o último nome atribuído a rádio, depois de mais uma mudança desta vez, surgiu ideias e acontecimentos das forças armadas guineense em posição de libertar emissora que não se encontrava nos seus domínios. (LOPES, 2015).

Depois da independência, a rádio passou a ser do governo guineense uma das instalações se encontra localizada em Bissau, no domicílio das forças de marinha de guerra. A Rádio Difusão Nacional, por carregar histórias do próprio país,

e uma das primeiras emissoras públicas, é com muita satisfação a sua escolha para entender como lidam com a questão de interferências do guineense no português falado durante as entrevistas na Guiné-Bissau. E como é de fato a presença do crioulo guineense nas notícias radiofônicas nesse país.

Ao longo da nossa pesquisa enfrentamos muitas dificuldades com as gravações, dificuldades que os gravadores elencaram problemas nos aparelhos como: falta de carregador, falta de cabo que permite envio dos áudios de um telefone para outro telefone deste modo, fizemos carta que permitisse que tenhamos acessos as matérias gravadas pela direção da emissora. Feito isso, fomos liberadas várias matérias para pesquisa, que são interferências léxicos semânticos do guineense nas notícias radiofônicas e televisivas na Guiné-Bissau. Também precisamos conhecer a outra emissão:

## 6.2 RÁDIO GALÁXIA DO PINDJIGUITI

Escolhemos esta emissora, e os critérios são totalmente diferentes do rádio que desenvolvemos acima. Pois, este se trata da primeira emissora privada no país. Segundo Lopes (2015), foi criada em maio de 1995, cujo seu proprietário é um jornalista chamado José Rodrigo Santy. A rádio desde sua criação até nos dias de hoje, se encontra num dos bairros da capital guineense, bairro de ajuda 1ª fase. Assim como a radiodifusão Nacional, esta não passou de igual transformação com a mesma, apesar de ser uma das primeiras que não pertence ao estado guineense, mesmo assim, a emissora não pode desenvolver além dos conteúdos permitidos, ou seja, o que não pode estar sob controle do governo.

Seu funcionamento foi paralisado em abril de 2012, por acontecimento que envolveu a guerra interna no país, uma data marcante negativamente para a população. Este acontecimento fez fechar várias emissoras privadas por explanação de informações que não favoreciam o governo guineense. Essa suspensão durou um pouco menos de três meses, o mesmo voltou a funcionar mantendo suas programações como antes.

Ao longo do tempo, o rádio voltou com problemas desta vez internas que obrigou o fecho das portas da emissora durante meses, ao todo, houve um elenco de mais de quatro jornalistas que decidiram abrir a emissora provisoriamente, isso



segundo o autor. São essas que davam notícias durante muito tempo na presença de alguns supervisórios.

Isso contavam com programações pela sua maioria passando em português, o que significa que a sua minoria é conduzida em crioulo guineense. Todas elas com suas informações carregadas com seus relatos ao longo dos serviços apresentados, uma delas são programas que remetiam a interação do público, com histórias, contos, dedicatórias e animação entre outras Lopes (2015). Todas elas com as participações do público. Como estação emissora, mesmo sendo privada, também enfrenta dificuldades para emissão dos programas com os materiais de trabalhos, computadores e com seus aparelhos necessários para um bom funcionamento desta estação.

Pinto (2015) além das matérias necessárias que dão falta, os funcionários ainda são pagos conforme os direitos trabalhistas. Isso impossibilita a dinâmica dos funcionários perante os seus trabalhos. Ou seja, o desanimo é maior do que qualquer esforço dado por eles, porém, vale sublinhar que segundo dados do autor, a maioria dos trabalhadores daquela casa são homens, o que significa que a minoria são mulheres. Ao todo, essa emissora operava com funcionário/as com apenas 11º ano de escolaridade. O que nos mostra que a maioria não possuiu uma formação universitária para exercerem suas funções.

Todas as situações vistas entre essas duas emissoras, vamos entender suas dinâmicas dentro da emissora. O Pindjiguite por ser a primeira Rádio privada do país, chamou a nossa atenção em saber quais foram dinâmicas no início do seu funcionamento, e fizemos a mesma movimentação em coletar os dados com permissão e sem revelação das identidades das falas que apareceram nas gravações dos jornais das horas diferentes. Cada gravação teve a duração no máximo 20min, pois as notícias contam com blocos das notícias nacional, internacional e o desporto. Porém, fizemos algumas gravações onde não tivemos a continuidade das gravações necessária para nossa pesquisa. Entretanto, coletamos os dados de uma outra forma.

### 6.3 TELEVISÃO DA GUINÉ-BISSAU TGB

Televisão da Guiné-Bissau, a TGB como é vulgarmente conhecida, esta emissora foi um projeto criado em 1987. Segundo Lopes (2015) foi criada graças a uma cooperação portuguesa. Dois anos depois teve sua instalação no capital guineense (Bissau), onde sua sede fica situada em Luanda, um dos bairros do capital. Entretanto, é uma emissora pública.

Sendo a única do país, o seu funcionamento tem a duração total de 12 horas diárias. O que significa que a plataforma não emite programações 24/24 horas, tudo indica que a TV não possui um sistema que possa chegar a essas horas por dia, tanto que não consegue contemplar todo território nacional. E ainda faz falta em muitos lugares onde são encontradas pessoas com desejo de assistir os jornais nacionais assim como internacionais e não só.

Lopes (2015) afirma que o guineense e o português são as línguas da comunicação nesta emissora. As colunas informativas são divididas em blocos, o primeiro: telejornal que é apresentada por um ou dois jornalistas durante o período da noite em língua portuguesa; e o jornal da tarde. Vale ressaltar que, o telejornal que é apresentada no período noturno é o mesmo jornal que é apresentada no período da tarde, mas em língua guineense apenas trocando os respectivos apresentadores.

Ainda existe uma que é chamada de últimas notícias, também presidida em português. Segundo Lopes (2015) a TV não apresenta os meios de reportagem diretas, ao que tudo indica que são gravadas as reportagens horas antes, entre tanto, existe uma dinâmica que facilita a edição das matérias já gravadas para serem postos durante as apresentações das notícias. O golpe de estado que se deu em 12 de abril de 2012, além de afetar as rádios, a televisão da Guiné-Bissau também não escapou do momento que marcou a República a Guiné-Bissau de uma forma negativa.

Segundo Lopes (2015), a TV possui mais de 130 funcionários, a maioria são homens com formação superior, a menos de 20 funcionários com formação de nível médio. Entre 100 trabalhadores, mais da metade apresentam uma formação profissional, percebe-se que a TGB tem funcionários com os níveis de formações não iguais. Ou seja, a maioria dos funcionários com formação necessária são fundamentais para o desenvolvimento das atividades internas. Além disso, a

República da Guiné-Bissau tem uma única televisão que emite programações, isso pressupõe muita dinâmica para atingir e responder à necessidade de toda sua população. No entanto, as dificuldades são imensas, segundo o autor, a TV não tem materiais que consegue fazer com que ele funcione como deve.

Tanto que a TV não funciona no seu 100% por falta de materiais básicos como: câmeras digitais, monitor de vídeos, microfones, os aparelhos de som, computadores e entre outros, assim como elencamos a impossibilidade da TV fazer vídeos diretos, ou seja, reportagens diretas afirma Lopes (2015). A falta dessas ferramentas do trabalho impossibilita o avanço técnico da própria emissora.

Ainda apresenta carências e necessidade para o seu bom funcionamento, mesmo tendo formações profissionais para exercerem as devidas obrigações, parece que o fundamental depois de uma formação, é ter materiais que de uma certa forma será primordial para a execução do seu trabalho. De acordo com Lopes (2015), ainda é visível que a emissora pressupõe de cooperações com outras estações emissoras da televisão como: Rádio Televisão Senegalesa (RTS) e Rádio Televisão Portuguesa (RTP) para equilibrar os seus trabalhos que não são das melhores.

Tudo que podemos perceber da TV, são necessidades gritantes, ainda vive dos materiais das épocas iniciais da sua fundação, ou seja, não obtêm materiais modernos que possibilitam suas dinâmicas. Com todos esses pontos acima pautadas, conseguimos entender a dinâmica no trabalho dos jornalistas guineense. Porém, é necessário que conheçamos as pessoas que trabalham junto dessa emissora, como vimos, sua grande maioria possui formações mínimas e algumas não. Então, percebesse que são fatores preocupantes. As gravações foram feitas com o aparelho telefônico.

#### 6.4 ANÁLISE DE DADOS

Os dados selecionados são de 331 minutos, sendo 99 minutos da Rádio Nacional e 178 minutos da Rádio Galáxia de Pindjiguiti, e na TV foram coletados 54 minutos. Foram muitas horas, porém, cortamos algumas que realmente não são do nosso interesse, sobre tudo nos áudios da TV guineense, pois eram gravações longas onde as partes removidas não são necessário para o nosso trabalho de pesquisa.

#### 6.4.1 Rádio Difusão Nacional da Guiné-Bissau

Na mediada em que os entrevistados passam informações para jornalistas, conseguimos encontrar as interferências do guineense para o português. Como podemos observar aqui nos nossos exemplos da Rádio Difusão Nacional da República Guineense. Segue os exemplos que comprovam as interferências:

Ex.1... e há uma **BARAFUNDA**<sup>2</sup> (confusão) nisso da comunicação porque chegou-se a um ponto em que todos pensavam que a pandemia não existe... (inf. H, 1min 9s)

Ex.2...bolsas para os melhores alunos **ES INO** (esse nosso) comunicado... (inf. H, 17m28s)

Ex.3...morreu um dos técnicos desta **KASSA**... (inf. M, 1min 25s)

Ex.4...dia mundial de água celebrada em todo país e hoje **TABANCA**<sup>3</sup> de Patch Pansau o local... (inf. H, 1min 3s)

Ex.5 ... não podemos estar numa **MANDJUANDA** como a CEDAO onde vamos ter países que beneficiam e nós não... (inf. H, 9min 51s)

Ex 6... a pensar em mesma **KUSSA**... (coisa) (inf.H,6min 34s)

A palavra “barafunda” (significa problema ou briga), “es ino” (significa esse nosso), “kassa” (significa casa), tabanca (significa aldeia), mandjuadande (significa grupo de pessoas em uma determinada sociedade), kussa (significa coisa) são provenientes da língua guineense. Para os guineenses não precisa de explicação. Todos os guineenses conhecem. Não causam dúvidas a ninguém, mas quando se fala com um estrangeiro essas palavras precisam de uma explicação, de uma nota de rodapé.

Nota-se que as palavras não causam estranheza para um falante do português guineense, mas para quem fala outras variedades precisa de uma explicação adicional. Um dos aspectos mais marcantes ocorre sob perspectiva fonológica uma vez que as interferências ocorrem fonologicamente e não lexicalmente. Pode-se citar exemplos de: */A nossa edukasion anda mal/*. Sob o ponto de vista fonológico há interferências, mas se o mesmo emissor estivesse

<sup>2</sup> É uma palavra do guineense que quando os guineenses usam significa que este está a explicar ou fazer uma ação que indica confusão ou também problema.

<sup>3</sup> Também uma palavra usada para designar um lugar como aldeia, pode ser habitada ou não habitada.

escrevendo escreveria “a nossa educação anda mal”. Mas na fala se sente livre para pronunciar como em guineense.

Este fenômeno linguístico não ocorre por acaso. Resulta do fato de que o interlocutor domina dois idiomas e se sente no direito de emprestar palavras de outra língua. Mas este processo é consciente porque não aconteceria se estivesse falando com lusófono de outra variedade. Nesta análise não incluímos casos de empréstimos necessários que são casos em que não existe uma palavra equivalente.

#### 6.4.2 Televisão Nacional Da Guiné-Bissau TGB

No caso da TGB extraímos alguns exemplos que apresentam as interferências do guineense no português. Nestes casos a ser apresentados, mostram o deslocamento etimológico de palavras de LP para guineense e depois o regresso para a LP em forma de empréstimos ou estrangeirismos. Aqui tivemos mais outras ideias diferente dos Rádios, segue os exemplos embaixo:

**Ex.7... NHA ERMONS** <sup>4</sup> (meus irmãos) nos próximos 15 dias temos que ser capazes de aumentar a nossa capacidade de fazer teste de covid19... (inf. H, 33s)

**Ex.8:...FIDJUS DE GUINÉ** <sup>5</sup> (filhos da Guiné-Bissau) tenho acompanhado com bastante agrado a crescente onda de (inf. H, 1min 8s)

**Ex.9...** deve reduzir o número dos infetados e **IVITAR** (evitar) a sua propagação... (inf. H, 21s)

**Ex. 10...**hoje **CUNSAMOS** (começamos) este trabalho... (inf. H 1min 55s)

**Ex.11...** e **DIPUS** (depois) de termos finalizado esse trabalho... (inf.H,2min 30s)

No nosso exemplo (7) que significa “meus irmãos”, essa expressão pode ser também destinada ao gênero feminino. Ou seja, é uma palavra que contemplam os dois sexos. Assim como “*fidjus de Guiné*” no exemplo (8) significa filhos da Guiné, que também não distingue um gênero específico, pode ser usada para mulheres assim como para os homens.

Tivemos entrevistas que começaram em língua portuguesa, ao mesmo tempo, a jornalista desta mesma casa TV, pediu para que falassem o guineense,

<sup>4</sup> Uma palavra que os guineenses usam para denominar seus irmãos.

<sup>5</sup> Uma palavra usada para pessoas cujo sua identidade é da Guiné-Bissau

alegando que se sente muito mais à vontade. Não pretendemos expor a sua identidade (inf. M).

### 6.4.3 Rádio Galáxia Pindjiguiti

Diferente do primeiro Rádio analisado, aqui conseguimos mais outros exemplos do dia-a-dia dos guineenses, essas são palavras que partem do guineense para LP, mas isso é muito mais notório quando o seu interlocutor é falante do guineense, caso contrário, algumas falas passam de uma maneira despercebido como: */purmuson desse produto é uma enganação/* este é um exemplo da fala. Se fomos pegar o mesmo exemplo na sua forma escrita pela mesma pessoa, encontraremos a frase de seguinte forma, */promoção desse produto é uma enganação /*.

Segue mais outros exemplos das interferências do guineense na LP:

Ex.12...hoje é dia do país, hoje é o dia da terra **AOS I DIA DE FACI**<sup>6</sup> ( hoje é dia fazer) festa...quem era o colonizador nós sabíamos... (inf. M, 2min 43s)

Ex.13. Mais especificamente no eixo reforço da economia **PURMUSON** (promoção) do **CRICIMENTO** (crescimento) do emprego... (inf.H,2min 7s)

Ex.14... **CEZA** (seja) com técnicos **CEZA** (seja) com sem técnicos... (inf. H, 7min 58s)

Ex15...diz que o pai **SAI**...saiu das selas da segunda esquadra com... (Inf. H,8min 54s)

Ex.16...para o apoio a **PUPULASON** (população) pedi a urgente intervenção do governo... (inf. H, 3min)

Ex.17... da estrada que liga **RETUNDA** (rotunda) dos antigos combatentes... (inf. H, 3min 7s)

Ex.18...na qual apela o retorno a **GUINEENDADE**<sup>7</sup>... (inf. H, 12min)

O nosso exemplo (12) trouxe informação diferente dos demais exemplos. Porque, esse mesmo exemplo trouxe as interferências de uma frase inteira. "aos i dia de faci" que também é uma expressão que ocorre do guineense para o português. O exemplo (13) é mais questões fonológicos encontrada no guineense.

<sup>6</sup> Essa palavra que indica ação. E é uma palavra do guineense

<sup>7</sup> Guineendade, com vários significados em guineense como solidariedade, parentesco, irmandade união entre outras palavras que englobam todos os guineenses no sentido positivo.

Ex.19...que segundo ele vai vencer as eleições possa governar a formato que o **PURBULEMA** (problema) interno... (Inf. H, 13min 36s)

Ex20... não é segredo para **NINGUIM** (ninguém) que **SITUASON** (situação) social política... **NES** (neste) momento...**CONTINUASON** (continuação) (inf. M, 3min 4s)

As pessoas que fizeram empréstimos lexicais são pessoas entrevistadas. Também encontramos os empréstimos lexicais nas falas dos jornalistas da Rádio Difusão Nacional, da rádio Galáxias de Pindjiguiti e o da TGB televisão da Guiné-Bissau. Aqui conseguimos perceber que independentemente de seu grau escolar, os guineenses não escapam dessa passagem do empréstimo lexicais, portanto, como falamos, a língua além de identificar o seu grau de expressividade, ele também consegue alinhar sua opinião. Entretanto, as línguas que fazem parte desses empréstimos, são línguas étnicas da Guiné-Bissau e o guineense, como vimos ao decorrer da pesquisa, que o guineense é a língua mais falada entre os guineenses, seja no espaço formal ou, informal.

Relativamente às interferências como ocorrem e de quais pessoas é mais vista, aqui na nossa pesquisa tivemos oportunidade de identificar números maiores de certos gêneros, entretanto, em cada dez (10) áudios extraídos, oito (8) são falas masculinos, sendo duas (2) falas são das mulheres. Mas isso não justifica que as interferências apenas partem das falas masculinas. Aqui tivemos falas que remetem as interferências do guineense para o português guineense:

**Quadro 2** - Palavras que geraram interferência no português guineense.

<b>GUINEENSE</b>	<b>PORTUGUÊS</b>
barafunda	confusão
mandjuandade	amizade, grupo de pessoas
tabanca	aldeia
purbulema	problema
guineendade	harmonia
retunda	rotunda
pupulason	população
ninguim	ninguém
ivitar	evitar
nha ermons	meus irmãos
fidjus de guiné	filhos da guiné
situason	situação
continuason	continuação
purmuson	promoção

Fonte: Dados de pesquisa

No quadro anterior, podemos ver como a língua guineense é presente na fala dos guineenses, algumas palavras no quadro não possuem uma tradução direta, outras com algumas semelhanças da escrita do português apenas com diferença em algumas letras.

Ainda sobre as interferências, elas acontecem mais nas rádios em relação à televisão. Por ser que mais apresentam programações com maiores frequências, a televisão da Guiné-Bissau apenas apresenta jornais no horário das noites com repetição pela parte da tarde e algumas programações feitas na base do guineense.

Na nossa pesquisa, tivemos dezenove (19) números de interferências nas rádios, enquanto que na televisão tivemos apenas quatro (4) números de interferências. O fenômeno dessas interferências nessas plataformas informativas se deu pelo fato de que os jornalistas e os entrevistados, possuem mais domínio em língua guineense.



## 7 CONCLUSÃO

Diante dos debates, chegamos as várias conclusões: a primeira é de que as Interferências léxicos semânticas do Guineense em entrevistas radiofônicas e televisivas na Guiné-Bissau explicam o contato linguístico entre a LP, o guineense e as diversas línguas bantu. Os dados explicam o fato de que os guineenses têm mais domínio na língua guineense em relação ao português. Chegamos a essa e demais conclusões pelo simples fato de que em alguns momentos dos nossos áudios, os jornalistas mesmo com textos feitos em português, ainda apresentam algumas falas/interferências do guineense e não só como também os entrevistados. Quer dizer, mesmo que o noticiário esteja já escrito, o apresentador transforma palavras da LP em guineense como forma de marcar a sua identidade linguística.

Dados da pesquisa mostram que algum sotaque da língua Fula, também falada no território guineense, (exemplo, 20) da Rádio Galáxia de Pindjiguiti, marca presença e é de fácil percepção. Os exemplos dessas interferências são: **purbulemas, ivitar, nha ermon e fidjus de Guiné**. Algumas ditas por mesma pessoa e outras por pessoas diferentes.

Tivemos 114 gravações ao todo incluindo as que foram enviadas pelas próprias emissoras, pois tivemos dificuldade durante o percurso de gravações com o aparelho telefônico que começamos a gravar. Para não perder tempo tivemos que recorrer outras vias legais, que é fazer carta para pedir a liberação das gravações especificamente para a Rádio Pindjiguite e Rádio Nacional.

Os minutos dos áudios variam de gravação para gravação, mas normalmente chegam no máximo de vinte (20) minutos. Os materiais obtidos correspondem a 2019, 2020, 2021 e 2022. Grande parte dos áudios não teve ocorrência dos fenômenos em estudo. Na maioria dos áudios falou-se em língua guineense, e isso não ocorreu apenas com pessoas de menor grau de escolaridade, mas também com Ministros de Estado, Presidente da República, Secretário de Estado, entre outras pessoas com cargos importantes no Governo guineense e com alto grau de escolaridade.

No exemplo (20), a senhora que estava falando sobre a participação para o desenvolvimento da Guiné-Bissau é defensora política do país, em decorrer da entrevista, finalizou suas falas em guineense, vesse que estava muito mais confortável durante suas falas, é notório que os guineenses preferem comunicar

mais nas línguas locais, que são línguas de conforto dos guineenses inclusive o kriol guineense que é a língua da Unidade Nacional.

Entretanto, salientamos que a pesquisa não precisou de ser submetida a Comissão de Ética porque o material recolhido é de acesso público. Também não transcrevemos todos os áudios, mas sim, identificamos apenas as partes que interessam à pesquisa. Procurou-se responder as seguintes perguntas: porque que acontecem as interferências? De onde vieram as interferências? E será que essas interferências acontecem porque os guineenses têm mais domínio do guineense do que o português?

Sobre interferências lexicais constatadas, observamos que elas não acontecem por acaso, mas sim pelo contato entre línguas autóctones na Guiné-Bissau (Fula, Mandinga, Balanta, Pepel, Mancanhe entre outras, em especial o guineense) com o português. A sociedade guineense é machista e em contexto local, os homens aceitam responder as perguntas dos jornalistas, mas as mulheres se recolhem. Esta situação fez com que encontrássemos menos interferências das mulheres. Os dados demonstram que o processo de interferência é mais frequente nas falas dos homens por ser eles que mais aparecem nas entrevistas, ou melhor, a maioria dos homens têm mais contato com a imprensa.

Mesmo com esses dados, encontramos grandes dificuldades em alcançar as interferências, pois, a maioria das gravações, foi feita em crioulo guineense, compreendermos que é justamente por ser uma língua da convivência dos guineenses. Entretanto, para conseguirmos um áudio com interferências, não foi uma tarefa fácil uma vez que o português não é usado constantemente. Responder as perguntas em português faz com que os entrevistados se sentem limitados, uma vez que o guineense predomina no país. Percebesse que os guineenses pensam no guineense para depois falaram em LP, no entanto, esse processo tem uma desvantagem para objetivo da comunicação, uma dessa desvantagem é: limitação das palavras existem palavras em guineense que não possui transcrição direta em língua portuguesa. Para jornalistas, uma das estratégias é passar a maior parte das entrevistas em língua guineense.

Diante dos resultados, conseguimos perceber que jornalistas mesmo tendo as formações básicas, às interferências do guineense para LP é notada durante pesquisa. Ou seja, fato de terem formações acadêmicos não impossibilitou as interferências do guineense para o português. Isso demonstra a importância que

a língua guineense apresenta na sociedade guineense. Para alguns, as interferências do guineense no português falado pelos guineenses podem acontecer apenas nas pessoas com menos grau de escolaridade. Mas não é isso que a pesquisa aponta, o governo guineense ganhará muita coisa valorizando essa língua, uma dessas é o avanço escolar, o melhor entendimento das matérias nas salas de aulas, nos hospitais, nos mercados entre outros lugares públicos e privados do país.

As discussões da pesquisa demonstraram que todas as línguas merecem respeito, sobretudo pelos seus falantes, porque, além de permitir que manifestasse sua liberdade linguística, também carrega identidade de um povo, portanto, o guineense é e será uma língua que vai identificar os guineenses juntamente com as outras línguas locais em qualquer que seja espaço de convívio cultural e linguístico.

## REFERÊNCIAS

- ALKMIM, Tânia; PETTER, Margarida. Palavras da África no Brasil de ontem e de hoje. *In*: PETTER, Margarida; FIORIN, José Luiz (Org.). **África no Brasil: a formação da língua portuguesa**. São Paulo: Contexto, 2008, p.145-178.
- BÁ, Amadou Hampâté. **Amkoullel, o menino Fula**. São Paulo: Palas Athenas, 2013.
- BAGNO, Marcos. **Língua, linguagem, linguística: pondo os pingos nos ii**. São Paulo: Parábola, 2014.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. Edições Loyola, São Paulo, 2007.
- BASONI, Fabiany Corrêa; WITCHS, Pedro Henrique. Políticas linguísticas para surdos em países lusófonos. **Revista Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 23, n. 4, p.1340-1358, out.-dez. 2020.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Léxico e vocabulário fundamental. **Revista Alfa**, São Paulo, 40: 27-46, 1996.
- CÁ, Segunda; TIMBANE, Alexandre Antonio. A variação léxico-semântica e o ensino do português guineense. **RILP - Revista Internacional em Língua Portuguesa – s.c. nº 39 – p.129-152**, 2021.
- CABI, Lucas Augusto. Resenha do livro “A identidade linguística brasileira e portuguesa: duas pátrias, uma mesma língua?” **Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras**. São Francisco do Conde (BA), vol.2, nº 1, p.566-569, jan./jun. 2022.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 2009.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Algumas questões de linguística na alfabetização**. UNESP. S.d. Disponível em: <<https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40140/1/01d16t05.pdf>>. Acesso em 11 jan. 2023.
- CANIATO, Benilde. Língua Portuguesa e Línguas Crioulas nos Países Africanos. **Revista Via Atlântica**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 130-138, out. 2002.
- COELHO, Alzira; TIMBANE, Alexandre António. Metodologia do ensino da escrita em manuais escolares do ensino privado na Guiné-Bissau. *In*: SANTOS, Deivid Alex dos, SPUZA, Adelene de., COSTA, Herika Cristina Oliveira da. (Org.). **Educação em perspectiva: reflexões entre a teoria e a prática**. Itapiranga: Schreiber, 2022. p.9-27.
- CORREIA, Margarita. Para compreensão do ‘conceito de empréstimo’: primeira abordagem. *In*: ISQUERDO, Aparecida Negri; FINATTO, Maria José Bocomi. (Org.).

**As ciências do léxico.** Campo Grande, MS; Porto Alegre: UFGRS Editora. 2010, p.39-63.

COUTO, Hildo Honório; EMBALÓ, Filomena. Literatura, Língua e Cultura na Guiné-Bissau: um país da CPLP. **Revista Papia.** Ed. Thesaurus, nº20, Universidade de Brasília, 2010.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa, métodos, qualitativo, quantitativo e misto.** 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DEISE, Cristina de Moraes; PINTO, Fábio André Cardoso Coelho; ROZA, Maria Palomanes Ribeiro. **Introdução à semântica.** Rio de Janeiro: Fundação Cecierj, 2016.

FANON, Franz. **Pele Negra Mascarás Brancas.** Salvador: EDUFBA, 2008.  
Garcez, M. Pedro; , ZILLES, Ana Maria S. Estrangeirismo desejos e ameaças. *In:* FARACO, Carlos Alberto (org.), **Estrangeirismos: guerras em torno da língua.** São Paulo: Parábola Editorial, 2001.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

HLIBOWICKA-WEGLARZ, Barbara. Pidgin, língua franca, sabir: um estudo terminológico. **Romanica Olomucensia.** Vol.28, nº1, p.35–41, 2016.

HOUAISS. **Dicionário Houaiss de língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Houaiss, 2009.

IÉ, Ivo Aloide. Língua e Identidade Cultural: Um estudo Onomástico em Antroponímia do Grupo étnico papel da Guiné-Bissau. **Njinga & Sepé:** Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras. São Francisco do Conde (BA), v.1, nº 1, p.137-153, jan. /jun. 2021

LIMA, Janicleide. **Aula de língua portuguesa-textos jornalísticos. 2020** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dLZZRzF-BC0> acesso em: 19. Novembro.2022.

LOPES, António Soares. **Os mídias na Guiné-Bissau,** Bissau, Ed. Corubal Agosto de 2015.

LUIZ, Maria Fernanda; TIMBANE, Alexandre António. O pensamento freireano sobre a educação, visto sob perspectiva africana e afro-brasileira. *In:* SANTIAGO, Maria Eliete; NETO, José Batista (Org.). **Olhares sobre Paulo Freire: vida, história e atualidade,** Recife: Cepe, 2021. p.187-212.

MANUEL, Cátia; TIMBANE, Alexandre António. O Crioulo da Guiné-Bissau é Uma Língua de Base Portuguesa? Embate Sobre Os Conceitos. **Revista de Letras Juçara,** Caxias – Maranhão, v. 02, n. 02, p. 107 – 126, dez. 2018.

MANZOLILLO, Vito. **Empréstimo Linguístico: o que é, como e por que Se Faz** (UERJ/USP)

MARCONI, M. de Andrade, LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia Científica**. São Paulo. Ed. Atlas S.A. 2010.

MARÇALO, Maria João; NAUEGE, João Muteteca. Aquisição do léxico na aprendizagem do português l2: o caso de angola. **Caderno Seminal Digital**, nº 31, v. 31, p.230-248, jul-dez/2018.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **A língua falada e o ensino de português**. Depto. de Letras, UFPE-s.c. 1996.

MARCUSCHI, Luiz António. oralidade e escrita., **Revista Signótica**, s.c. Vol.9, nº??p.:119-145.ano 1997

MARCUSCHI, Luiz Antônio; DIONISIO, Ângela Paiva. **Fala e escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. Nmr p

MARTINI, M.; MORGADO, M. **Dicionário Escolar de Língua Gestual Guineense**. Lisboa: Surd'Universo, 2008.

MARTINS, Evandro Silva. Léxico e etimologia: a propósito de alguns vocábulos usados em localidades Norte-Mineiras, *In*: SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa. (Org.). **O léxico em estudo**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.p.30-41.

MENDES, Leonel Vicente. **Descaminho caminhos do ensino guineense: avanços, recuos e perspectivas**. Curitiba: CRV 2019.

NAUEGE, João Muteteca. A língua de especialidade: um olhar sobre o português jurídico, tendências e desafios em Angola. **Njinga & Sepé:Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras**. São Francisco do Conde (BA), vol.2, nº1, p.247-256, jan./jun.2022.

NAUEGE, João Muteteca.Da norma à variação:estudo de caso sobre o uso do conjuntivo no português de angola: especificidades no ensino superior. 270f.2017. Doutor em Linguística. Évora, Instituto De Investigação E Formação Avançada, Universidade de Évora.

NHAMPOCA, Ezra Alberto Chambal; TIMBANE, Alexandre António. A terminologia do futebol em Moçambique: o caso dos neologismos na aula de língua portuguesa do ensino médio. **Revista Calidoscópico**, 15(1), 126–140, 2017.

NHAMPOCA, Ezra Alberto Chambal. **Identidade categorial e função dos ideofones do changana**. 347f. 2018. Tese. Centro De Comunicação E Expressão. Universidade Federal De Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

NOSLEN, professor. **Figuras de linguagem. 2017** Disponível em: <https://www.youtube.com/playlist?list=PLVylxkvulqxpRumJiTbBk4sEBXS7d8izQ>. Acesso em: 19 novembro. 2022.

NOSLEN, professor. **Como escrever uma notícia**. Disponível em: <https://youtu.be/t3Y7eHVGoI0> acesso em: 24.novembro. 2022.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1996.

PRAIS1, Felipe. Curso de linguística geral (resenha). **Revista do GEL**, São Paulo v. 19, n. 1, p. 283-295, 2022.

ROMÃO, José Eustáquio; GADOTTI, Moacir. **Paulo Freire e Amílcar Cabral: a descolonização das mentes**.s.l.: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2012.

SANTANA, Yuran Fernandes Domingos; TIMBANE, Alexandre António. A criatividade e a variação léxico-semântica do português guineense. *In*: NHAMPOCA, Ezra Alberto Chambal; LANGA, David Alberto Seth Langa; TIMBANE, Alexandre António. (Org.). **Descrição linguística, educação e cultura em contextos pós-coloniais**. Belém: Home, 2022, p.136-147.

SANTOS, Ivonete da Silva; TIMBANE, Alexandre António. **A identidade linguística brasileira e portuguesa**: duas pátrias, uma mesma língua? Curitiba: Appris, 2020.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVA, Everton Pereira da. Afinal, o que é Língua Brasileira de Sinais? Aspectos teóricos e introdutórios. **Njinga & Sepé**: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras. São Francisco do Conde (BA), v.1, nº 2, p.518-519, jun./dez. 2021.

SOUZA, Larissa do Nascimento. Crioulos e pidgins são línguas excepcionais? Aquisição e formação sob o ponto de vista da aquisição de segunda língua. **Revista Versalete**. Curitiba, Vol. 8, nº 14, jan/jun. 2020.

TIMBANE, Alexandre António. **A variação e a mudança da língua portuguesa em Moçambique**. 318f. 2013.Tese. (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2013.

TIMBANE, Alexandre Antonio. Os estrangeirismos e os empréstimos no português falado em Moçambique. **Cadernos de estudos linguísticos. Campinas** (54.2) – São Paulo p. 289-384 Jul/Dez. 2012.

TIMBANE, Alexandre António. Os estrangeirismos e os empréstimos no português falado em Moçambique. **Via Litterae**: Revista de Linguística e Teoria Literária. Anápolis, vol. 4, nº1, p. 5-24, jan/jun. 2012.

TIMBANE, Alexandre António; SILVA, Everton Pereira da. O ensino da libras e reflexões sobre os materiais didáticos em São Francisco Do Conde (BA). **Letras & Letras**, Uberlândia, v. 37, n. 2, jul.-dez. 2021.

TURÉ, Mariama; TIMBANE, Alexandre António. A concepção, o tratamento e divulgação de notícias para a comunidade surda na TV Surdo Moçambique: entrevista. **Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras**. São Francisco do Conde (BA), vol.1, nº Especial, p.382-384, dez.2021.

UNESCO. **Declaração Universal dos Direitos Lingüísticos**. Barcelona de 6 a 9 de junho de 1996.

VILLALVA, Alina; SILVESTRE, João Paulo Silvestre. **Introdução ao estudo do léxico**: descrição e análise do Português. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.